

Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 22.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 674 / € 2,00 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

PREÇO DAS CASAS EM PORTUGAL JÁ COMEÇA A AFASTAR ESTRANGEIROS

IMOBILIÁRIO No primeiro trimestre deste ano, período em que comprar uma habitação ficou 7% mais caro, os investidores internacionais adquiriram menos imóveis e a preços mais baixos. As famílias também reduziram a procura. O mercado acabou por cair 4,1%.

Zona Oeste é a Califórnia de há 20 anos para imigração americana

DINHEIRO VIVO



Rede europeia
de carregamento
cresce mais do que os
veículos elétricos

PÁG. 14

Caso das gémeas

“Errei, fui parva.”
Daniela Martins
faz *mea culpa*
e garante nunca ter
conhecido
o filho de Marcelo

PÁG. 10

Opinião

Justiça a tempo,
por João Caupers,
antigo presidente
do Tribunal
Constitucional

PÁG. 13

BALANÇO

Constrangimentos
continuam,
mas Linha SOS Grávida
triu 5473 utentes
de 1 a 19 de junho

PÁG. 16

STEVE KILLELEA

“A comunidade internacional deveria
dar mais atenção aos pequenos conflitos
antes de se tornarem grandes, como
na Ucrânia ou em Gaza”, afirma o criador
do Índice Global da Paz

PÁGS. 20-21

PUBLICIDADE



PORTUGAL - TURQUIA RONALDO DISCIPLINADO, PEPE VERSÁTIL E UM BALNEÁRIO AUTOCRÍTICO PARA AJUDAR PORTUGAL A APURAR-SE JÁ.
PAÍSES BAIXOS 0 - FRANÇA 0 | ESLOVÁQUIA 1 - UCRÂNIA 2 | POLÓNIA 1 - ÁUSTRIA 3 PÁGS. 4-7





Até ver...

Helena Tecedeiro

Editora executiva do Diário de Notícias

Katherine e Jim, dois americanos com Portugal no coração

Conheci Katherine Vaz num dia frio de janeiro de 2017, na sua casa em Nova Iorque. A América ainda estava a recuperar do choque da eleição de Donald Trump, a cidade enchia-se de cor de rosa e bonés com orelhas de gato para a Marcha das Mulheres e a escritora abria-me as portas para me contar a sua história, que iria fazer parte do livro *Pela América do Tio Silva*, uma parceria entre o DN e a FLAD. Exatamente um ano depois eu voltava aos Estados Unidos com o desafio de ver como estava o país depois de um ano de presidência Trump e foi no seu gabinete em Washington, situado num dos edifícios que ladeiam o Capitólio, que o congressista Jim Costa me recebeu. A conversa, claro, andou à volta da política, mas bastou uma olhadela em redor, com tudo a lembrar Portugal, e sobretudo os Açores, para logo desafiar o congressista democrata da Califórnia a contar-me a história da sua família. Passados vários anos, quis uma coincidência que tenha reencontrado Katherine e Jim esta semana em Lisboa, onde entrevistei ambos.

Katherine Vaz veio a Portugal promover A

Linha do Sal, o seu último romance, no qual conta a história de um grupo de madeirenses convertidos ao protestantismo que foram expulsos da ilha em meados do século XIX e que se instalaram no Illinois no tempo de Lincoln. Jim Costa, por seu lado, esteve em Lisboa, a convite da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, para participar no Legislators' Dialogue, um encontro anual de eleitos norte-americanos de origem portuguesa.

Ora, num país onde a comunidade portuguesa e lusodescendente conta com mais de um milhão de pessoas, Katherine Vaz e Jim Costa são dois dos nomes mais proeminentes nas suas respetivas áreas. E ambos exibem com orgulho as suas raízes portuguesas.

Primeira luso-americana a ter o seu trabalho gravado na Biblioteca do Congresso, foi por influência do pai que Katherine Vaz decidiu ser escritora. "As histórias da família do meu pai marcaram-me, porque eram maravilhosas. Então pensei: ninguém escreve sobre estas coisas. Tinha 12 anos", contou-me naquele inverno de 2017. Nascido nos EUA, Augusto Vaz voltou bebé para os Açores, após a morte da mãe de

complicações do parto, antes de regressar à América aos oito anos. Foi na comunidade açoriana da Califórnia que cresceu e foram as suas histórias que inspiraram a maior parte dos livros de Katherine – desde *Saudade a Fado & Other Stories*, passando por *Our Lady of the Artichokes and Other Portuguese-American Stories*.

Se o *background* familiar de Katherine está nos Açores, foi a história de amor dos madeirenses John Alves e Mary Freitas que demorou mais de 15 anos a terminar, numa odisséia que começa na Madeira, passa por Trindade e Tobago e percorre a América, do Illinois à Califórnia, da Florida ao Utah, com John a combater nas tropas da União pelo país que o recebeu. E quando lhe pergunto como é que os americanos reagem a estas temáticas tão portuguesas, Katherine garante, no inglês que prefere para dar entrevistas, apesar de a conversa prévia ter decorrido toda em português: "Tem sido muito gratificante. A maior parte dos meus leitores não têm origens portuguesas e ficam muito gratos por eu abrir este mundo para eles."

Um dos cinco lusodescendentes na Câmara dos Representantes dos EUA, Jim

Costa também não hesita em exibir as suas origens portuguesas. De tal maneira que foi na estação de comboios onde os avós chegaram à Califórnia que em 2004 fez questão de anunciar a sua candidatura ao Congresso federal. "Não falavam uma palavra de inglês. Nunca imaginaram que 100 anos depois o neto estaria a candidatar-se à Câmara dos Representantes dos EUA", contou-me em 2018. Agora, seis anos e meio depois desse nosso primeiro encontro, Jim Costa pega no telemóvel para mostrar o vídeo do seu discurso na Câmara dos Representantes sobre o Dia de Portugal. E é de sorriso nos lábios que garante: "Adoro Portugal. É a terra dos meus antepassados. Sinto-me muito confortável em Portugal. São as pessoas, é a forma como cresci, adoro a comida. Tenho pena de não falar português fluentemente."

Seja na Câmara dos Representantes ou nas estantes das livrarias, tanto Jim Costa como Katherine Vaz não hesitam em exibir o orgulho na terra dos seus antepassados e dar a conhecer mais de Portugal aos americanos. Obrigada a ambos, Portugal também tem orgulho em vocês.

OS NÚMEROS DO DIA

240

CONVENÇÕES COLETIVAS

O número de convenções coletivas publicadas em Portugal baixou de 385 em 1999 para 240 em 2019, segundo o Centro de Relações Laborais. O número de trabalhadores abrangidos caiu mais de 250 mil nesse período: de 1.046.797 (1999) para 792.883 (2019).

100,5

ANOS

O Parlamento aprovou, por unanimidade, um voto apresentado pelo presidente da Assembleia da República, José Pedro Aguiar-Branco, de saudação pelo primeiro centenário da Bial. A empresa farmacêutica, fundada no Porto em 1924, é um dos maiores casos de sucesso da indústria nacional.

83,5

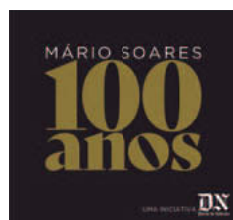
MILHÕES DE EUROS

A Câmara de Lisboa aprovou a contratação de um empréstimo de 83,5 milhões de euros para financiar a construção e requalificação de 61 creches e escolas.

43

POR CENTO

O número de vistos concedidos pelo Estado português a cidadãos angolanos aumentou 43%, passando de 42 mil para 57 mil em 2023, disse ontem o ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, salientando a importância que o governo dá à mobilidade na CPLP.



22.6.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs
Editores executivos Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Cância e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Cância e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ªA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.



JUNTE-SE AO CONTINENTE E TSF E VENHA APOIAR OS JOGOS DA SELEÇÃO.

ASSISTA AOS RELATOS NA GALERIA DO MINHO
CENTER E NO CENTRO COMERCIAL
CONTINENTE DE LOURES.



CONTINENTE

PATROCINADOR OFICIAL DE UMA SÓ SELEÇÃO





Roberto Martínez quer Portugal a atacar com cinco, seis ou sete jogadores...

ROBERTO MARTÍNEZ

Ronaldo disciplinado, Pepe versátil e um balneário autocrítico para ajudar Portugal a apurar-se já

SELEÇÃO Roberto Martínez espera hoje uma Turquia mais aberta do que foi a Rep. Checa e garante que as dificuldades do primeiro jogo fizeram a equipa crescer: “Gostei muito da atitude dos jogadores e temos 26 aptos e ainda mais preparados.” Rafael Leão preparado para o que for preciso destacou os adversários Çalhanoglu, Arda Güler e Yilmaz.

Quando entrar hoje em campo (17h00, RTP1), a seleção portuguesa já saberá o resultado do outro jogo do Grupo F, o Geórgia-Rep. Checa, e se a vitória diante da Turquia será suficiente para se apurar já para os oitavos de final do Euro 2024 (é preciso os georgianos vencerem), num jogo onde Martínez espera mais dificuldades do que diante da Rep. Checa.

“O segundo jogo é o segundo jogo. É muito importante para nós seguir o caminho, criar competitividade no balneário, crescer e jogar bem em todos os jogos. O foco é dar tudo nos primeiros três jogos, depois é ver o que fizemos bem, melhorar e continuar com o nosso papel. A Turquia tem três pontos, nós também, é normal que as duas equipas tentem ganhar”, defendeu Roberto Martínez na antevisão do duelo com os turcos.

Francisco Conceição decidiu o último jogo. Entrou e fez o golo da vitória sobre a Rep. Checa em quatro minutos (2-1), mas o mais provável é começar o jogo de hoje no banco. “O importante é que todos estão preparados. No último jogo vimos isso. O Francisco entrou e mostrou o porquê de estar na seleção. Neto e Inácio igual, tal como Nelson Seme-

do. Precisamos que todos estejam preparados, o importante não é estarem ou não no onze inicial, é estarem preparados”, acrescentou.

Diogo Jota revelou que, após o primeiro encontro, Martínez lamentou a falta de convicção para entrar na área e rematar, mas o selecionador preferiu destacar a importância de ter “clareza” sobre os erros e o que a seleção pode melhorar: “Os jogadores têm muita autocritica, não precisam do treinador para isso. Há coisas em que temos de melhorar, mas os três treinos que fizemos foram muito positivos. Gostei muito da atitude dos jogadores e temos 26 aptos e ainda mais preparados.”

Um deles é Cristiano Ronaldo, que “fez três remates enquadados com a baliza e foi o jogador que mais remates enquadados teve durante o torneio no primeiro jogo”. Segundo o selecionador, CR7 “foi muito disciplinado e trabalhou muito”, fazendo uso do instinto matador e jogador de área para abrir espaços: “No golo do Francisco, o espaço abre-se porque o Cristiano está na área.”

E isso treina-se. “O Cristiano é importante para nós, naquilo que tentamos fazer na grande área. Mas é importante lá chegar. A nossa equipa não é uma equipa de jogo direto, de procurar o ponta de lança rapi-

damente. Queremos chegar ao último terço com cinco, seis, sete jogadores. O estilo de Portugal não é jogar direto. Não precisamos de ter um jogador, precisamos de ter quatro, cinco ou seis perto do ponta de lança”, respondeu Martínez, assumindo que é um adepto da escola de Johan Cruyff, o treinador que marcou a forma como vê o jogo.

O duelo com os turcos será bem diferente do encontro com a Rep. Checa, que teve uma postura ultra-defensiva: “A Turquia é uma mistura incrível de talento jovem. Vimos o que jogadores como o Arda Güler fazem. Têm a experiência de jogadores como Çalhanoglu. Acho que essa mistura traz muita qualidade com bola, sendo que o treinador também deu uma estrutura defensiva muito boa e forte”, elogiou o técnico, que desta vez não precisou anunciar a titularidade de Diogo Costa.

Sobre se irá manter o esquema de três defesas centrais ou apresentar uma defesa a quatro e sacrificar Pepe, respondeu elogiando o mais velho jogador num Europeu: “Pepe é um defesa nato, gosta de defender e comunicar. Pode jogar numa linha de três defesas ou de quatro sem problema.”

Olhando para a estatística, Portugal tem um registo perfeito em Europeus diante da Turquia, com três jogos e três vitórias (1-0 em 1996, 2-0 em 2000 e 2-0 em 2008) e sem qualquer golo sofrido. Os turcos aparecem no Euro 2024 depois de se terem apurado no 1.º lugar do Grupo D, no qual estavam Croácia, País de Gales, Letónia e Arménia. A presença nas meias-finais do Euro 2008 é a melhor prestação em fases finais deste torneio, mas terão em mente os quartos de final do Euro 2000 para vingar frente a Portugal, que nessa edição chegou às meias-finais depois de vencer os turcos, por 2-0, com um bis de Nuno Gomes.

“Quero ser titular, mas...”

Rafael Leão fez 15 golos e três assistências esta temporada em 47 jogos no AC Milan, mas na seleção só tem quatro golos e não é titular indiscutível. “Mentalmente preparei-me, porque o Europeu sempre foi o meu sonho e objetivo. É um orgulho competir com a camisola da seleção. Estou a desfrutar, com grandes jogadores, um grande treinador, e o meu objetivo é fazer uma grande campanha individual e coletivamente”, disse o extremo, de 25 anos, que foi titular com a Rep. Checa.

“Se vou ser titular com a Turquia? Não sei. Eu quero ser titular, mas depende do *mister*. Estou preparado para ser titular ou para entrar. Sei que na seleção temos jogadores com muita qualidade e fico muito contente porque sei que o Neto, o Chico ou o Jota vão dar conta do recado. Temos uma seleção muito forte”, respondeu Leão, confessando que “Çalhanoglu, Arda Güler e Yilmaz podem fazer a diferença” na seleção da Turquia.

isa.auralmeida@dn.pt

CR7 já fez 35 “vítimas” na Europa, mas está em branco com a Turquia

GOLOS O capitão pode matar hoje dois borregos: marcar aos turcos e tornar-se no mais velho a faturar em Europeus.

Cristiano Ronaldo já marcou golos a 35 seleções europeias, mas ainda está a zeros contra a Turquia. O capitão português pode, assim, hoje matar dois borregos: estreiar-se a faturar contra os turcos e tornar-se no jogador mais velho de sempre a festejar um golo num Campeonato da Europa (isto se Pepe não marcar).

Ronaldo leva um impressionante registo de 130 golos (em 208 jogos) com as cores da seleção nacional e só na Europa já fez 35 “vítimas”. Mas a Turquia continua a ser uma pedra na bota de CR7, que já teve três oportunidades para o fazer mas ficou sempre em branco.

O primeiro confronto deu-se no Euro 2008, Portugal venceu por 2-0, mas com golos de Pepe e Raúl Meireles. Em 2012, num amigável no Estádio da Luz, os turcos triunfaram por 3-1, mas o golo português foi da autoria de Nani, com assistência de Ronaldo. O último duelo aconteceu em 2022, na qualificação para o Mundial, e terminou com um triunfo por 3-1, com os golos apontados por Otávio, Diogo Jota e Matheus Nunes.

A seleção europeia mais massacrada por Ronaldo é, de longe, o Luxemburgo, que sofreu 11 golos do capitão português em 11 jogos. Seguem-se a Suécia (em sete jogos) e Lituânia (três jogos), com sete golos encaixados.

Cristiano Ronaldo, 39 anos, que no jogo de estreia do Euro 2024 contra a República Checa (2-1) se tornou no primeiro jogador a par-



Ronaldo ainda bate recordes aos 39 anos.

ticipar em seis fases de Campeonatos da Europa, persegue ainda mais um recorde na competição da Alemanha: ser o mais velho de sempre a faturar num Euro – para já, o recorde está na posse do austríaco Ivica Vastic, que, com 38 anos e 257 dias de idade, converteu com êxito um penálti contra a Polónia no Euro 2008. Mas atenção, porque este recorde pode ficar na posse de Pepe, que, se marcar neste Europeu, fá-lo com 41 anos. **N.F.**

Seleção com 12 mil adeptos, um terço dos turcos esperados

O Portugal-Turquia vai ter lotação esgotada. São esperados 62 mil adeptos no Signal Iduna Park, em Dortmund: 12 mil portugueses, 36 mil turcos e cerca de 14 mil fãs neutros. O duelo da segunda jornada do grupo F entre portugueses e turcos foi “classificado como sendo um jogo de risco médio”, não se prevendo problemas de maior, segundo o superintendente da PSP, Pedro Sousa, que anunciou a presença de sete *spotters* portugueses, “com muita experiência em eventos desportivos desta dimensão”.

Um dos adeptos presentes no jogo de hoje será Aguiar-Branco, o presidente da Assembleia da República. E se o jogo de estreia no Europeu teve a presença do primeiro-ministro, Luís Montenegro, ontem mesmo o Parlamento aprovou por unanimidade a deslocação do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, à Alemanha, na próxima semana, para ver a partida entre Portugal e Geórgia, que fecha a fase de grupos na próxima quarta-feira (dia 26) e vai ter lugar em Gelsenkirchen.



Opinião
Haldun Koç

Glória a Türkiye e Portugal

É com grande satisfação que escrevo sobre o desafio futebolístico que irá reunir as seleções nacionais da Türkiye e de Portugal neste Campeonato da Europa de 2024. Será, seguramente, uma excelente oportunidade de ver uma boa partida de futebol entre dois países amigos que partilham muitos aspetos culturais e sociais em comum, com a existência de aspetos positivos em comum entre ambos os países. E o futebol, entre outros aspetos, será inevitavelmente parte dos assuntos partilhados por ambos os povos.

As duas equipas têm grandes méritos de competências e, após dois excelentes jogos por parte da Türkiye e de Portugal na primeira jornada, o segundo jogo adquire uma maior importância para que ambas as equipas se qualifiquem. Como dizemos em turco – e também em português –, “a bola é redonda” e tudo pode acontecer.

O contexto promovido pelas competições desportivas é uma excelente forma de aproximar os diferentes países. O encontro deste sábado não é exceção. É mais uma oportunidade para promover tradições, cultura e gastronomia e ficamos contentes por assistir a um crescente interesse dos portugueses pela Türkiye e vice-versa. As crescentes estatísticas em termos de comércio e investimento, assim como os mais de 30 voos semanais operados pela Turkish Airlines e pela Pegasus Airlines a ligar ambos os países são bons exemplos disso mesmo.

O compromisso da Türkiye para com o desporto é sublinhado pelos feitos dos seus atletas e pela organização de grandes eventos desportivos nas mais variadas modalidades. Um dos casos mais relevantes será a organização do Campeonato da Europa de Futebol de 2032 (curiosamente, dois anos após o Mundial ter Portugal como um dos organizadores). A Türkiye e a Itália irão organizar esta competição em parceria e o caminho que estamos a fazer até lá passa muito pelo desenvolvimen-

to geral de infraestruturas (desportivas e não só), mas também por uma forte aposta na competitividade do futebol turco. Queremos que 2032 seja marcante para o desporto turco, mas também para o contexto futebolístico europeu.

Porque o futebol faz-se, sobretudo, para e pelos adeptos, gostaria também de deixar uma nota que me parece relevante para o que vamos ver nas bancadas neste jogo. As diásporas portuguesa e turca são vastas na Alemanha e ambos os povos assumem um papel de grande importância na economia e no dia-a-dia do país. Esta forte presença irá representar uma moldura humana fantástica, com um apoio constante de parte a parte.

Quando falamos em diáspora, também não podemos esquecer as fortes ligações futebolísticas entre a Türkiye e Portugal, em especial pelas dezenas de atletas e treinadores portugueses que têm passado pelo país nas últimas décadas. Grandes nomes do futebol português fizeram história na Türkiye e deixaram marcas indeléveis nos adeptos turcos. Existem também jogadores turcos nos clubes portugueses, o que é uma forma de aprofundar as interconexões culturais e sociais. Agora, temos como exemplo maior desse intercâmbio a entrada no futebol turco de um dos maiores nomes de sempre do futebol português: José Mourinho. O impacto da sua chegada já se sente em cada conversa com adeptos turcos e esta é uma prova de como o futebol aproxima povos.

Para hoje, desejo uma excelente e competitiva partida, com grandes exibições dos jogadores de ambas as equipas, com *fair-play*, onde, no fim, o lado vencedor é o do reforço de uma amizade de longa data. Gostaria muito que ambas as equipas passassem a fase de grupos e – oxalá! – se reencontrassem na final.

Embaixador da República da Türkiye em Lisboa

Tiago Martins nomeado

O português Tiago Martins vai amanhã ser o VAR do Escócia-Hungria, do Grupo A, em Estugarda. A partida será dirigida pelo argentino Facundo Tello. O juiz de Lisboa terá a ajuda dos espanhóis Alejandro Hernández e Juan M. Munuera.



Granit Xhaka lança aviso sério aos alemães

O médio Granit Xhaka lançou ontem um aviso à Alemanha para o jogo de amanhã em Frankfurt, essencial para a Suíça garantir o apuramento para os oitavos de final. “Temos respeito pelos alemães, mas de certeza que não teremos tanto

quanto tiveram os escoceses, que deram a bola à Alemanha”, garantiu o campeão pelo Bayer Leverkusen. Os suíços estão obrigados a pontuar com a seleção anfitriã para não depender do resultado do duelo entre a Escócia e a Hungria.



Neerlandeses e franceses prometiam muito mas ofereceram o primeiro jogo sem golos

EPA/RONALD WITTEK

Candidatos anulam-se e metem um pé nos oitavos

GRUPO D Países Baixos e França não foram além de empate a zero. Golo anulado a Xavi Simons causou polémica e Mbappé não foi utilizado.

TEXTO **DAVID PEREIRA**

Pelo segundo dia consecutivo, ontem houve duelo entre candidatos ao título neste Euro2024. Depois do aberto e entusiasmante Espanha-Itália, Países Baixos e França apresentaram uma abordagem mais cautelosa, o que acabou por se traduzir num empate a zero em Leipzig - o primeiro na prova.

Apesar de não ter sido tão vertiginoso como o clássico da véspera, houve oportunidades de golo, com os gauleses a lamentarem mais o desperdício. Griezmann, talvez deslumbrado com as facilidades, atrapalhou-se à boca da baliza aos 14 minutos e viu o guarda-redes Verbruggen travar os seus remates aos 4' e 65'. Thuram, isolado, não acertou na baliza pouco antes da meia hora (28'). Nestas ocasiões cer-

tamente que os adeptos franceses terão sentido a falta de Kylian Mbappé, a grande estrela de *les bleus*, que fraturou o nariz no encontro diante da Áustria, na segunda-feira. Curiosamente, França não venceu qualquer das últimas sete partidas em que o futuro avançado do Real Madrid não foi titular (cinco empates e duas derrotas).

Por outro lado, a seleção laranja, orientada pelo antigo treinador benfiquista Ronald Koeman, queixou-se de um golo anulado a Xavi Simons (62'), que jogava em casa, uma vez que na época que agora findou representou o Leipzig por empréstimo do PSG. A equipa de arbitragem considerou que Dumfries, em posição irregular, atrapalhou o raio de ação do guardião francês Maignan, uma decisão polémica to-

mada ainda em campo e validada pelo VAR.

O empate – que elimina automaticamente a Polónia – deixa as duas seleções com quatro pontos e um pé nos oitavos, tendo ambas garantido, no mínimo, um dos três primeiros lugares no Grupo D. Uma conjugação de resultados nos outros grupos poderá até fazer com que Países Baixos e França entrem na derradeira ronda com o apuramento para a fase a eliminar já garantido.

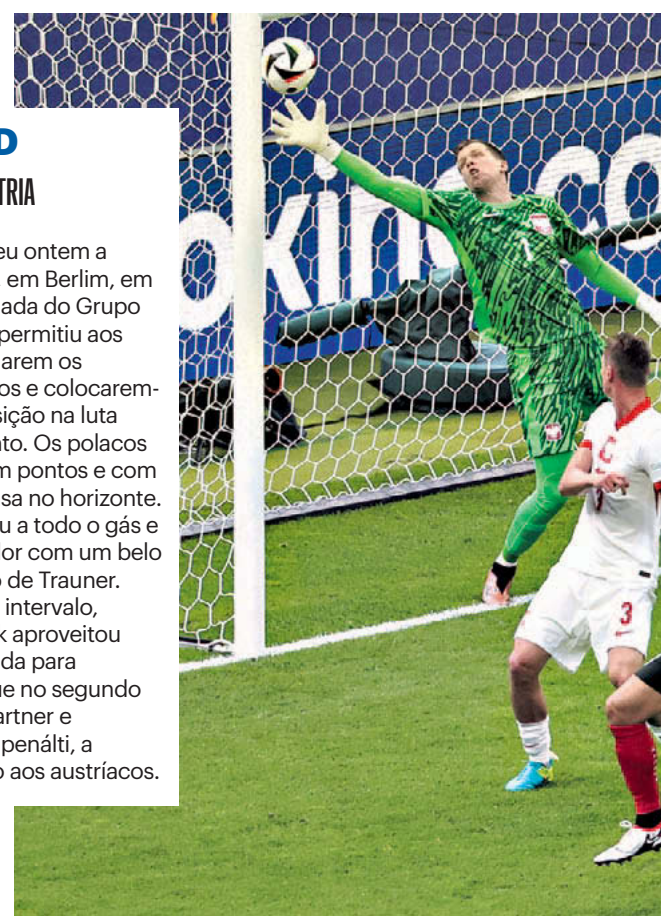
Os neerlandeses, que por enquanto têm vantagem sobre os franceses devido ao número de golos marcados, continuam invictos em duelos com este adversário em Campeonatos da Europa, passando agora a somar duas vitórias e dois empates.



EPA/GEORGI LICOVSKI

GRUPO D POLÓNIA 1-3 ÁUSTRIA

A Áustria venceu ontem a Polónia por 3-1, em Berlim, em jogo da 2.ª jornada do Grupo D. O resultado permitiu aos austríacos somarem os primeiros pontos e colocarem-se em boa posição na luta pelo apuramento. Os polacos mantêm-se sem pontos e com o regresso a casa no horizonte. A Áustria entrou a todo o gás e abriu o marcador com um belo cabeceamento de Trauner. Ainda antes do intervalo, Krzysztof Piatek aproveitou uma bola perdida para empatar. Só que no segundo tempo Baumgartner e Arnautovic, de penálti, a darem o triunfo aos austríacos.



Albanês pede desculpa

O avançado albanês Mirind Daku pediu ontem desculpa por entoar cânticos ofensivos contra a Macedónia do Norte no fim do jogo com a Croácia, que levou a UEFA a abrir um inquérito. “É uma obrigação moral pedir desculpa”, disse.



Baggio sequestrado durante o Itália-Espanha

O antigo futebolista Roberto Baggio e a sua família estiveram sequestrados durante 40 minutos, em sua casa, em Altavilla Vicentina, Vicenza, durante o jogo Itália-Espanha. Tudo aconteceu quando cinco indivíduos armados

invadiram a sua residência, tendo o Bola de Ouro de 1993, de 57 anos, ficado ferido, ao ser atingido pelo cano de uma arma, quando o ex-futebolista enfrentou um dos assaltantes. Foram roubados relógios, joias e dinheiro.

GRUPO E
ESLOVÁQUIA 1-2 UCRÂNIA

A Ucrânia conseguiu ontem a primeira vitória no Euro 2024, fazendo esquecer o mau arranque no primeiro jogo com a Roménia. A seleção de Sergiy Rebrov venceu a Eslováquia por 2-1, um resultado alcançado depois de ter estado a perder e graças a um excelente golo do ex-benfiquista Yaremchuk. O selecionador ucraniano trocou de guarda-redes para esta partida, com Trubin a render Lunin, e o dono da baliza do Benfica começou por fazer três excelentes defesas, não evitando, contudo, que Ivan Schranz fizesse o golo (17'). No segundo tempo Shaparenko fez o empate (54'), tendo Yaremchuk (80') fechado as contas com uma obra de arte.



Nico Williams, o Fórmula 1 de Espanha que faz renascer o extremo à moda antiga

GRUPO B Foi a estrela da seleção espanhola no duelo com a Itália, um pesadelo para o lateral Di Lorenzo. Filho de ganeses, sonha jogar na mesma equipa de... Mbappé.

TEXTO CARLOS NOGUEIRA

Nico Williams tem apelido de carro de Fórmula 1 e faz da velocidade uma das suas armas principais. Afinal, nos dois jogos que disputou no Euro 2024 tem uma média de 33,96 quilómetros/hora, tendo sido já apanhado a... 34 km/h. Foi peça-chave do selecionador Luis De La Fuente na vitória frente à Itália, pois pelo lado esquerdo deu cabo da cabeça ao experiente lateral Di Lorenzo, com os seus dribles e mudanças de direção e velocidade constante. Fez o cruzamento de onde saiu o autogolo de Calafiori e merecia o golo que a trave lhe negou.

Aos 21 anos, é a imagem fiel do jogador em vias de extinção: aquele extremo veloz, autêntico abre-latas que arrasa qualquer lateral com a sua técnica apurada. Com ele não há amarras nem jogar em zonas interiores, só vale a bola no pé, enfrentar o adversário e, finalmente, servir o companheiro ou rematar à baliza.

“Acho que foi o meu jogo mais completo por Espanha. Estou radiante por jogar no Europeu e ter sido considerado o homem do

jogo”, disse o jogador do Athletic Bilbao após a sua 16.ª internacionalização.

Nicholas Williams Arthuer é o nome completo do número 17 da Roja. Nasceu em Pamplona, na província de Navarra, a 12 de julho de 2002, mas o nome indica que as raízes são outras. E, de facto, é filho de ganeses que se refugiaram em Espanha após fugirem da primeira Guerra Civil da Libéria, país onde o casal vivia. Nico seguiu as pisadas do irmão Iñaki, nove anos mais velho, e jogam juntos no Athletic Bilbao, clube onde ambos foram formados. No entanto, Iñaki – nascido em Bilbao – optou por representar a seleção ganesa, por não ter tido oportunidades na principal seleção espanhola.





Nico mostra-se ao mundo, e a possibilidade de dar o salto para um clube maior – tem-se falado muito do interesse do Barcelona – está a aumentar de forma exponencial e, na realidade, poderá surgir após o Euro 2024. Para já, o extremo tem contrato até 2027 e diz que o Athletic é a equipa dos seus “sonhos”.

Outro sonho poderá um dia ser concretizado, o de partilhar o balneário com Kylian Mbappé, o seu ídolo... A revelação foi feita num quiz da rádio COPE, no qual foi de imediato questionado sobre se, afinal, deseja jogar no Real Madrid, Nico apressou-se a negar: “Não, não, não...” E meio atropalhado, atirou algo impossível: “Na seleção! Se ele fosse espanhol.” Da mesma forma que dribla o adversário, o extremo procura também fugir de situações embaraçosas, mas desta não se saiu muito bem. Mais assertivo foi quando questionado sobre a profissão que teria se não fosse futebolista. “Seria fisioterapeuta, sem dúvida.”

Para já brilha em campo, no Europeu, onde promete ser uma das principais estrelas de uma Espanha que é mesmo candidata a conquistar o seu quarto título continental.

carlos.nogueira@dn.pt





CALENDÁRIO E CLASSIFICAÇÕES



GRUPO A

Alemanha-Escócia
Hungria-Suíça
Escócia-Suíça
Alemanha-Hungria
Suíça-Alemanha (amanhã, 20h00, RTP1)
Escócia-Hungria (amanhã, 20h00)





| | P | J | G |
|--------------|---|---|-----|
| 1.º Alemanha | 6 | 2 | 7-1 |
| 2.º Suíça | 4 | 2 | 4-2 |
| 3.º Escócia | 1 | 2 | 2-6 |
| 4.º Hungria | 0 | 2 | 1-5 |



GRUPO B

Espanha-Croácia
Itália-Albânia
Croácia-Albânia
Espanha-Itália
Croácia-Itália (24/6, 20h00, RTP1)
Albânia-Espanha (24/6, 20h00)





| | P | J | G |
|-------------|---|---|-----|
| 1.º Espanha | 6 | 2 | 4-0 |
| 2.º Itália | 3 | 2 | 2-2 |
| 3.º Albânia | 1 | 2 | 3-4 |
| 4.º Croácia | 1 | 2 | 2-5 |



GRUPO C

Eslovénia-Dinamarca
Sérvia-Inglaterra
Eslovénia-Sérvia
Dinamarca-Inglaterra
Inglaterra-Eslovénia (25/6, 20h00)
Dinamarca-Sérvia (25/6, 20h00, SIC)





| | P | J | G |
|----------------|---|---|-----|
| 1.º Inglaterra | 4 | 2 | 2-1 |
| 2.º Dinamarca | 2 | 2 | 2-2 |
| 3.º Eslovénia | 2 | 2 | 2-2 |
| 4.º Sérvia | 1 | 2 | 1-2 |



GRUPO D

Polónia-Países Baixos
Áustria-França
Polónia-Áustria
Países Baixos-França
Países Baixos-Áustria (25/6, 17h00)
França-Polónia (25/6, 17h00)





| | P | J | G |
|-------------------|---|---|-----|
| 1.º Países Baixos | 4 | 2 | 2-1 |
| 2.º França | 4 | 2 | 1-0 |
| 3.º Áustria | 3 | 2 | 3-2 |
| 4.º Polónia | 0 | 2 | 2-5 |



GRUPO E

Roménia-Ucrânia
Bélgica-Eslováquia
Eslováquia-Ucrânia
Bélgica-Roménia (hoje, 20h00)
Eslováquia-Roménia (26/6, 17h00)
Ucrânia-Bélgica (26/6, 17h00)

| | P | J | G |
|----------------|---|---|-----|
| 1.º Roménia | 3 | 1 | 3-0 |
| 2.º Eslováquia | 3 | 2 | 2-2 |
| 3.º Ucrânia | 3 | 2 | 2-4 |
| 4.º Bélgica | 0 | 1 | 0-1 |



GRUPO F

Turquia-Geórgia
Portugal-Rep. Checa
Geórgia-Rep. Checa (hoje, 14h00)
Turquia-Portugal (hoje, 17h00, RTP1)
Rep. Checa-Turquia (26/6, 20h00)
Geórgia-Portugal (26/6, 20h00, TVI)

| | P | J | G |
|----------------|---|---|-----|
| 1.º Turquia | 3 | 1 | 3-1 |
| 2.º Portugal | 3 | 1 | 2-1 |
| 3.º Rep. Checa | 0 | 1 | 1-2 |
| 4.º Geórgia | 0 | 1 | 1-3 |

OITAVOS DE FINAL

29/6: 2.º gr. A-2.º gr. B (J37) – 29/6: 1.º gr. A-2.º gr. C (J38)
30/6: 1.º gr. C-3.º gr D/E/F (J39) – 30/6: 1.º gr. B-3.º gr A/D/E/F (J40)
1/7: 2.º gr. D-2.º gr. E (J41) – 1/7: 1.º gr. F-3.º gr. A/B/C (J42)
2/7: 1.º gr. E-3.º gr. A/B/C/D (J43) – 2/7: 1.º gr. D-2.º gr. F (J44)

QUARTOS DE FINAL

5/7: Venc. J39-Venc. J37 (J45) – 5/7: Venc. J41-Venc. J42 (J46)
6/7: Venc. J40-Venc. J38 (J47) – 5/7: Venc. J43-Venc. J44 (J48)

MEIAS-FINAIS

9/7: Venc. J45-Venc. J46 – 10/7: Venc. J47-Venc. J48

FINAL

14/7, em Berlim (20h00)

*Todos os jogos com transmissão em direto na SportTV

por Carlos Ferro



Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, com vários dos dirigentes europeus que marcaram presença na Cimeira da Paz.



MICHAEL BUHOIZER / POOL / AFP

O capitão Cristiano Ronaldo foi um dos jogadores mais efusivos a festejar com Francisco Conceição o golo deste que deu a vitória a Portugal na estreia no Euro 2024.



HENRY NICHOLLS / AFP

Há vários meses afastada de cerimónias públicas, Kate Middleton (centro) foi a figura principal do Trooping the Colour.

Sáb.

O regresso da princesa que ofuscou o Trooping the Colour

O dia estava reservado para as cerimónias de comemoração do aniversário do rei Carlos III, que na realidade faz anos a 14 de novembro, mas desde 1748 que a 15 de maio se realiza a parada Trooping the Colour e é neste dia que se assinala oficialmente o nascimento do monarca em exercício. Porém, foi a princesa de Gales quem concentrou todas as atenções dos britânicos. Afastada da vida pública há praticamente sete meses – em janeiro tinha sido operada e em março Kate Middleton divulgou um vídeo anunciando que iria cumprir tratamentos preventivos de quimioterapia –, a princesa de Gales surgiu nas cerimónias sorridente e acompanhada dos filhos e foi imediatamente o alvo de todas as atenções. Cada gesto seu foi escrutinado ao pormenor, ao ponto de a imponente parada militar ter passado para segundo plano e a presença do monarca, na realidade o motivo do evento, quase não ser referida nas reportagens...

Dom.

Cimeira da Paz com muitos discursos, mas sem um dos lados

Durante o fim de semana, cerca de 90 países estiveram reunidos em Burgenstock, Suíça, a discutir um plano de paz para o confronto militar entre a Rússia e a Ucrânia, que começou em fevereiro de 2022, quando o exército russo entrou em território ucraniano. Dois dias de discussão, discursos, propostas de acordos e no fim uma declaração assinada por quase todos os presentes – Brasil, Índia, África do Sul, Arménia, Barém, Indonésia, Colômbia, Líbia, Arábia Saudita, Suriname, Tailândia, Emirados Árabes Unidos e México não rubricaram o documento – em que se reafirma a soberania, independência e integridade territorial da Ucrânia. Pode ser entendida como uma forma de pressão do Estado russo, mas a verdade é que de uma Cimeira da Paz em que não participou um dos países em conflito [a Rússia] nem um dos seus principais aliados [a China] pouco se poderia esperar.

2.ª

Lacerda Sales e o direito ao silêncio para não se incriminar

A frase “o direito de manter o silêncio” foi uma das “estrelas” da primeira audição na Comissão Parlamentar de Inquérito ao caso das gémeas luso-brasileiras que receberam em Portugal o medicamento Zolgensma para o tratamento da atrofia muscular espinhal, uma doença neurodegenerativa. O primeiro a ser inquirido foi o antigo secretário de Estado Adjunto e da Saúde Lacerda Sales, que passou a tarde a recusar falar sobre determinados temas alegando que era arguido numa investigação criminal e por isso não iria responder a questões que o pudessem incriminar. Como certo, além do facto de dizer que não se lembrava de alguns acontecimentos ocorridos há quatro anos sem consultar documentação, o ex-governante garantiu que não falou com o Presidente da República, primeiro-ministro ou ministra da Saúde sobre o caso. Deixou ainda uma certeza: não irá ser o “bode expiatório”. Provavelmente, ainda acabará por ser incriminada uma secretária...

3.ª

Dia de vitórias para o desporto: futebol, NBA e natação

Três modalidades diferentes, três resultados positivos para o desporto nacional. Camila Rebelo é a primeira a merecer destaque: a nadadora conquistou a medalha de ouro nos 200 metros costas nos Europeus que decorrem em Belgrado, Sérvia. Depois deste inédito primeiro lugar, a atleta da Associação Louzan Natação, que já tinha presença garantida nos Jogos Olímpicos de Paris, dizia-se “sem palavras” e “com mais vontade de trabalhar”. Exultante também ficou o basquetebolista Neemias Queta, que na primeira época nos Boston Celtics, depois de duas temporadas nos Sacramento Kings, conquistou o título da NBA, tornando-se o primeiro português a consegui-lo. Finalmente o futebol. A seleção nacional, que participa no Europeu, na Alemanha, começou a prova com uma vitória (2-1 frente a Chéquia), mas não se livrou de um susto quando se viu a perder por 1-0. Lição a aprender: a prova não é um passeio, a união demonstrada durante a segunda parte foi positiva e as camisolas (mesmo as dos melhores do mundo) não jogam!



EPA/MIGUEL A. LOPES

A mãe das gémeas que foram tratadas no Hospital de Santa Maria, Daniela Luzado Martins, emocionou-se durante a audição no Parlamento.



PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS

Miguel Albuquerque não conseguiu reunir apoio para o seu programa de governo.



HOMEM DE GOUVEIA/LUSA

Presidente da Câmara de Oeiras, Isaltino Morais, viu a PJ fazer buscas na autarquia devido aos gastos em almoços.



GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS



ANTÓNIO COTRIM/LUSA

Antigo secretário de Estado Adjunto e da Saúde, Lacerda Sales, recusou responder a várias perguntas dos deputados.

4.^a

Albuquerque recua e vai negociar programa de governo

A Madeira está a tornar-se um caso de estudo no que diz respeito à ciência política e de como se constitui um governo... ou não. A meio do ano de 2024 a região já assistiu a uma demissão do presidente do Executivo regional depois de ter sido constituído arguido numa investigação em que está indiciado por oito crimes, incluindo corrupção ativa e passiva. Com as eleições marcadas, Miguel Albuquerque não deixou o cargo de líder do PSD-M e o partido ganhou o sufrágio, mas sem maioria. Resultado: precisa de apoio de alguns dos partidos madeirenses, que não estão dispostos a isso. Apesar desse cenário, o indigitado presidente do governo regional decide apresentar um programa de governo, que acabou por retirar da discussão na véspera de ser votado. Agora tem alguns dias para conseguir alianças, de forma a fazer aprovar o programa de governação. Tarefa que parece difícil pelo que se tem ouvido e lido dos líderes partidários. Portanto, ou Albuquerque consegue convencer alguém a votar a favor das suas ideias, ou muda o programa de governo para ter apoio, ou a Madeira fica com governo de gestão até ao final do ano. Estamos confusos? Pois, na Madeira também parece que estão...

5.^a

Não há almoços grátis. A PJ está a tentar provar isso em Oeiras

Uma operação policial nesta quinta-feira tem todos os condimentos para “alimentar” episódios de comédia futuros. Neste dia, a Polícia Judiciária foi à Câmara de Oeiras fazer buscas relacionadas com uma investigação envolvendo despesas de almoços que podem indiciar os crimes de prevaricação, abuso de poder e peculato. E o que está em causa é simples: o pagamento por parte da câmara liderada por Isaltino Morais de 139 mil euros em 1441 almoços de trabalho com vereadores, funcionários, visitantes, convidados, etc. O que, feitas as contas, dá a quantia de 96,50 euros por cada repasto, que, de acordo com a própria câmara, podiam envolver lavagante, sapateira, lagosta, ostras, presunto Pata Negra e Moët & Chandon. Parece também que há faturas de almoços à mesma hora e em restaurantes diferentes. A investigação se encarregará de provar se há práticas de crime, mas o certo é que já deu para recordar uma intervenção de Isaltino Morais na Assembleia Municipal em que, para explicar as despesas, enunciou um roteiro gastronómico do concelho.

6.^a

“No hospital ouvi que estavam ali a mando do Presidente”

Foi uma longa tarde a que Daniela Martins teve ontem em Lisboa. A mãe das gémeas luso-brasileiras que receberam um tratamento em 2020 para a atrofia muscular espinhal no Hospital de Santa Maria foi questionada pelos deputados da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre declarações que fez depois de conhecido o caso e acabou a reconhecer que tinha mentido em algumas declarações quando foi confrontada com um e-mail. Pelo meio garantiu que não conhece o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, nem o filho, Nuno Rebelo de Sousa, que alegadamente terá pedido ajuda ao pai para as crianças serem tratadas em Portugal. Mas que no hospital ouviu dizer que as filhas estavam a receber o tratamento – no valor de quatro milhões de euros – a “mando do Presidente”. Durante o depoimento, Daniela Martins emocionou-se e chorou. Sendo essa a imagem mais forte do dia.



Daniela Martins esteve acompanhada pelo advogado na Comissão Parlamentar de Inquérito.

GERARDO SANTOS/GLOBAL IMAGENS

“Errei, fui parva”. Daniela Martins faz *mea culpa* e garante nunca ter conhecido filho de Marcelo

CASO DAS GÊMEAS Mãe das meninas esteve no Parlamento, pouco esclareceu sobre o caso, reiterou que não conhece Nuno Rebelo de Sousa e que não falou com o Governo, apenas com médicos.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

A defesa veio logo na declaração inicial, ainda antes de Daniela Martins começar a responder aos deputados que compõem a Comissão Parlamentar de Inquérito: “Errei, fui parva.” Depois, percebeu “que tinha caído numa armadilha” ao ser gravada “com uma câmara escondida” dentro da sua própria casa. O vídeo foi divulgado pela TVI e, aí, a mãe das duas gémeas assumiu que se “vangloriou”, dizendo que tinha conseguido um “pistolão” (uma cunha, esclareceu depois) para o tratamento das filhas em Portugal.

Apesar deste *mea culpa*, Daniela Martins garantiu que não se sente uma “vítima” e que foi o desespero de ver as filhas com “deformidades” que a levou a procurar o tratamento mais caro do mundo, com o medicamento Zolgensma, usado para tratar a atrofia muscular espinhal (AME). Com uma situação difícil, gastava “mais de mil euros em terapia”, a que se juntou um divórcio e um “esgotamento físico, mental e financeiro”.

Mas foi depois, durante a ronda de perguntas dos deputados, que garantiu nunca ter conhecido Nuno, filho de Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República. “Não conheço. Conheci a mulher anos depois, no final de 2022, num evento público, num *shopping* de São Paulo”, garantiu. E recusou ainda, em resposta a António Rodrigues (PSD), ter falado diretamente com o Governo, apenas com “os hospitais e médicos para perceber o caminho” a percorrer para tratar as crianças. Além disso, se a opção de tratamento estivesse disponível no Brasil, Daniela Martins garantiu que não teria vindo procurá-lo em Portugal.

Questionada por André Ventura sobre um putativo *e-mail* enviado para Juliana, mulher de Nuno Rebelo de Sousa, com o destino final a ser Lacerda Sales, ex-secretário de Estado da Saúde, Daniela Martins, mais uma vez, disse: “Não tenho conhecimento.” Confrontada com a correspondência eletrónica, num portátil de um dos deputados que

constituem a CPI, a mãe das gémeas confirmou ter visto que a mensagem “saiu da caixa pessoal” do *e-mail*, mas lembrou que houve uma mobilização grande em torno do caso (“Foram feitos grupos de *WhatsApp*, pessoas que me ajudavam a disparar os *e-mails*”). “Não posso garantir que fui eu que escrevi. Diversas pessoas tinham acesso à caixa de correio”, rematou. Isso não é estranho? “Não. Não acho absurdo. Várias pessoas estavam a pedir ajuda através do *e-mail*, *Instagram* e outros meios.”

André Ventura pediu também que fosse mostrado o vídeo onde era referido o “pistolão” e que conhecia a nora de Marcelo Rebelo de Sousa. Isto gerou desconforto entre os deputados e, caso tivesse sido reproduzido, o advogado de Daniela Martins pediria que o resto da audição fosse feito à porta fechada. A solução passou pela leitura de uma transcrição do vídeo, com Ventura a perguntar o que significa “pistolão” e o porquê de ser con-

vencido que tinha uma cunha. “Foi o que entendi do que ouvi no hospital, que tinha tido ajuda do senhor Presidente. Era o que toda a gente falava, os médicos... Sim, dentro do Hospital de Santa Maria era o que diziam. Diziam que eu estava lá a mando do Presidente”.

Questionada depois por Joana Mortágua, do BE, sobre um outro *e-mail*, enviado para o hospital dos Lusíadas, em Lisboa, com o nome de um alegado gestor de negócios português em CC, Daniela Martins também não se recorda de o ter copiado na mensagem, que foi “direcionada ao comercial do hospital. Não me recordo. Não me atentei a esse email em cópia. Estava mais focada no corpo do email que dizia que eu tinha conseguido consulta.”

Sobre o processo de nacionalização das meninas, sobre a qual havia suspeitas por alegadamente ter decorrido demasiado rápido, Daniela Martins garantiu que tudo correu dentro da normalidade.

rui.godinho@dn.pt

P&R O que está em causa?

O que aconteceu? E como?

Os contornos são os seguintes: em 2020, duas gémeas luso-brasileiras receberam, em Portugal, um tratamento com um medicamento (Zolgensma), que é dos mais caros do mundo. É utilizado para o tratamento da atrofia muscular espinhal. Quando as gémeas vieram a Portugal era necessária uma autorização especial para o uso do medicamento (só foi aprovado pelo Infarmed em 2021). E, segundo a CNN Portugal (que divulgou o caso), a obtenção de nacionalidade portuguesa das meninas também foi “em tempo mais do que recorde”. Foram adquiridas, também, “cadeiras de rodas topo de gama” para as meninas e marcada uma consulta de neuropediatria.

Quem será ouvido na Comissão Parlamentar de Inquérito?

O rol de nomes mencionados em todo este caso é grande. Além dos pais das duas gémeas, também Nuno Rebelo de Sousa, filho do Presidente da República, e a sua mulher são também mencionados. O próprio Marcelo Rebelo de Sousa pode ter tido um papel nesta história. A CPI já ouviu António Lacerda Sales, à altura dos factos secretário de Estado da Saúde. Ontem, foi aprovada uma audição a António Costa, ex-primeiro-ministro. Ouvir Nuno Rebelo de Sousa também é um pedido da CPI. Apesar de se ter recusado inicialmente, o filho do Presidente acedeu a depor, garantindo que se remeterá ao silêncio. Resta saber quando será ouvido, mas se não aceder a uma das datas propostas (3 ou 12 de julho), será feita uma participação ao Ministério Público (MP).

O caso está a ser investigado judicialmente?

O MP está a investigar os factos. Há uma auditoria interna no Hospital de Santa Maria. Foi aberto um processo de execução pela Inspeção-Geral das Atividades em Saúde (IGAS). Em abril deste ano, concluiu que o acesso à consulta de neuropediatria foi ilegal, por não ter sido cumprida a portaria que regula o acesso dos utentes ao Serviço Nacional de Saúde. A prestação de cuidados às crianças decorreu, no entanto, “sem que tenham existido factos merecedores de qualquer tipo de censura”.

Debate sobre a Palestina. Livre emocionado e governo mantém firmeza

CONSENSO Partidos querem solução de dois Estados. Desacordo dá-se com a esquerda a impor já o reconhecimento do Estado Palestino e a direita a exigir antes de qualquer outro passo uma “ação diplomática”.

TEXTO VÍTOR MOITA CORDEIRO



Parlamento debateu ontem o reconhecimento do Estado da Palestina, cabendo ao Governo a decisão final.

O debate de atualidade proposto pelo Livre, terminou ontem com lágrimas da deputada Isabel Mendes Lopes, que não as conteve enquanto falava nos números resultantes do conflito em Gaza. Com o reconhecimento do Estado da Palestina em cima da mesa, o Parlamento foi unânime na defesa de uma solução a dois Estados, mas os partidos dividiram-se sobre o momento certo para o fazer.

Com o Governo a ter a última palavra quanto ao reconhecimento do Estado da Palestina, o ministro dos Assuntos Parlamentares, Pedro Duarte, afirmou que “ninguém tem dúvidas sobre a desumanização a que se assiste na faixa de Gaza”, mas, para já, a posição do Executivo liderado por Luís Montenegro é a de haver “um debate alargado e equilibrado, investindo tudo numa ação diplomática exigente”.

Reiterando a condenação da crise humanitária em Gaza, Pedro Duarte garantiu que a posição de Portugal é “apreciada pela Autoridade Palestiniana”, mas “não há uma solução definitiva para a paz”.

“Até lá, continuamos a defender que a nossa posição de mediação é a mais útil para os dois Estados”, rematou.

Apesar de ter manifestado uma “profunda solidariedade com a população civil na Faixa de Gaza”, o deputado do CDS Paulo Nuncio sublinhou que o partido reprova o ataque do Hamas, que considerou ser o início do conflito, a 7 de outubro. E deixou críticas ao Livre.

“Condenamos as manifestações racistas, xenófobas e antissemitas” que se lhe seguiram, disse, aludindo a várias iniciativas em que participou o Livre. Questionou ainda Rui Tavares se só condena também estes atos ou se só condena se forem cometidos por Israel.

Também o deputado da IL Rodrigo Saraiva exibiu uma fotografia de uma ação do Livre onde aparece um cartaz com uma bandeira da Palestina e a frase em inglês *From the River to the Sea* (do rio até ao mar, numa tradução livre), que classificou como uma afirmação do partido de que não quer o Estado de Israel. A frase refere-se ao território desde o Rio Jordão até ao Mar Medi-

terrâneo, a que corresponde hoje Israel e os territórios ocupados da Palestina.

Com esta referência, Rodrigo Saraiva terminou a intervenção questionando se o argumento de Rui Tavares era o do Livre do “lado extremista” ou do “Livre moderado”.

Rui Tavares respondeu tanto ao CDS como à IL com a garantia de que o Livre foi o primeiro partido a condenar os ataques do Hamas em Israel a 7 de outubro, mas com a referência de que Paulo Nuncio não deve lembrar-se porque o CDS nessa altura não tinha representação na Assembleia da República.

A Rodrigo Saraiva, lembrou que o “Livre, desde a sua fundação, é a favor da solução dos dois Estados”, incluindo por isso Israel.

Entre dados históricos, a deputada do BE Marisa Matias acrescentou que “as consequências de não reconhecer o Estado da Palestina têm repercussões reais” e não o fazer “é dar um sinal de que não é possível parar a matança”.

Depois de classificar a intervenção de Israel em Gaza como uma “punição coletiva de um povo”, a de-

MOMENTOS

REGRESSO À PALESTINA

Em dezembro de 2014, o Parlamento aprovou um projeto de resolução do PS, PSD e CDS que recomendava ao Governo o reconhecimento do território da Palestina como Estado. Não foi consensual entre as bancadas socialistas e do Governo, que na altura era liderado por Pedro Passos Coelho. Ainda assim, a resolução mereceu a classificação de “momento histórico” por parte do PS, enquanto o PSD conteve a emoção e projetou no futuro a celebração, para quando houver paz. Na altura, Portugal seguiu a posição da Suécia, da Irlanda e de França. À esquerda, PCP, BE e Verdes, que apresentaram projetos à parte com o mesmo objetivo, não viram as suas propostas aprovadas. Este ano, a 10 de maio, Portugal votou favoravelmente ao lado de 142 países uma resolução apresentada à ONU pelos Emirados Árabes Unidos. A proposta passava pela qualificação do Estado da Palestina como “membro da ONU em conformidade com o artigo 4.º da Carta das Nações Unidas”. “Deve, portanto, ser admitido como membro das Nações Unidas”, considera a resolução. Países como Israel, Estados Unidos e Hungria votaram contra.

PELO RECONHECIMENTO

Como vários deputados referiram, 146 países já reconheciam o Estado da Palestina, entre eles, mais recentemente, a Espanha, a Irlanda e a Noruega. Também a Arménia acabou por se juntar a esta lista.

putada bloquista apontou que o Estado israelita “teve um contributo para o reforço do Hamas”. Citando o antigo primeiro-ministro de Israel Itzhak Rabin, Marisa Matias deixou a frase, em tom retórico, “o Hamas é o erro mais grave que cometemos”.

Também a líder parlamentar do PCP, Paula Santos, evocou “as atrocidades contra o povo palestino”, que, defendeu, “não têm fim”. Com a indicação várias vezes referida pelos partidos de que “já foram assassinados mais de 37 mil palestinos”, a deputada comunista questionou “de que está a espera Portugal para dar um contributo decisivo”, sugerindo que deve ser do “aval dos Estados Unidos, da União Europeia, de Israel, pondo em causa” a soberania de Portugal.

“Portugal integra a minoria que insiste em não o reconhecer”, continuou, e “o Governo não o faz, por opção política”, o que, para Paula Santos, revela “a cumplicidade com tudo aquilo que está a fazer Israel contra o povo palestino”.

Esta frase mereceu críticas do ministro Pedro Duarte, que confrontou o PCP com os “regimes sangui-

nários”, sem os referir, que o partido nega em não reconhecer.

O líder parlamentar do Chega, Pedro Pinto, acusou o Livre de não ter nada “a apresentar aos portugueses”, por considerar que em vez de trazer ao Parlamento um debate sobre “forças de segurança” ou sobre as condições de trabalho dos “oficiais de justiça”, “a grande preocupação é o reconhecimento do Estado da Palestina, quando tanta gente nem consegue pagar a renda de casa”. “Podia ter trazido o tema LGBTI no Gana”, propôs, acrescentando que “não é o momento” de reconhecer o Estado da Palestina, ainda que o partido também defenda a solução dos dois Estados. Mas não agora.

Pelo PS, a líder parlamentar, Alexandra Leitão, considerou que este assunto diz respeito a Portugal, na mesma medida em que “a continuação da guerra em Gaza garante que o radicalismo do ódio de ambos os lados se mantenha”.

Perante este cenário, a deputada socialista destacou como prioridade a proteção da população civil. “Deve reconhecer-se já o Estado da Palestina”, continuou, lembrando que a Palestina já é observador nas Nações Unidas e que 146 Estados já reconheceram a Palestina como Estado independente.

“Esperar pela unanimidade [entre países] é adiar para sempre”, sustentou, explicando que o reconhecimento “será um primeiro momento de um longo caminho, mas um passo na direção certa que Portugal deve dar”. “Não há culpas coletivas, nem do povo de Israel nem do povo da palestina”, concluiu.

Na intervenção de encerramento do debate, a deputada do Livre Isabel Mendes Lopes emocionou-se enquanto explicava os números do conflito. “São 260 dias de um horror absoluto”, explicou, enquanto trazia dados novos.

“Três mil crianças estão em risco de morte por subnutrição” e “o direito internacional está a ser ameaçado”, disse, enquanto acrescentava que “não há culpa coletiva” de nenhum lado.

Por isso, criticou o “antisemitismo e a islamofobia”. “Esta espiral de ódio tem de ser estancada”, pelo que defendeu a solução de dois Estados. Que foi unânime no hemiciclo.

No entanto, quando revelava que “80% das casas em Gaza foram destruídas”, “todas as universidades foram destruídas”, tal como “as culturas, as oliveiras, os solos”, a deputada foi ficando com a voz afetada.

“Há 19 mil crianças” que perderam as famílias, disse antes de deixar de conseguir conter as lágrimas.

E foi assim que deixou uma descrição de Gaza: “De uma prisão a céu aberto passou a ser um inferno a céu aberto”. “É preciso exigir que Israel participe nesta reconstrução”, exigiu, antes de abandonar o púlpito e voltar à bancada do Livre entre aplausos da esquerda.

vitor.cordeiro@dn.pt

AR aprova comissão de inquérito à Santa Casa

ENTENDIMENTO Com as propostas apresentadas pelo Chega, IL e BE aprovadas pelo Parlamento, os três partidos terão de definir entre si como vão decorrer os trabalhos.

A Assembleia da República aprovou ontem as propostas do Chega, da IL e do BE para constituir uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) à gestão da Santa Casa da Misericórdia. As iniciativas da IL e BE foram aprovadas por unanimidade, enquanto a do Chega teve votos contra do PS e abstenções de PCP e Livre.

Não sendo as três propostas idênticas, terá de haver um entendimento entre os partidos. Esta será a segunda comissão de inquérito a funcionar nesta legislatura.

O Chega quer que sejam apuradas “todas as responsabilidades das decisões de gestão, verificando se as funções foram desempenhadas de má-fé ou em benefício próprio”, que sejam analisados “os relatórios de contas da Santa Casa da Misericórdia nos últimos três anos” e que o parlamento esclareça o “envolvimento da anterior ministra do Tra-

balho, Solidariedade e Segurança Social, Ana Mendes Godinho, no consenso da internacionalização dos jogos sociais”.

A IL quer uma CPI que não ultrapasse os 90 dias e que apure “as responsabilidades políticas, contratuais, legais e financeiras relativas à atual situação da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e aos atos de administração que a trouxeram até à referida situação”.

O BE propõe a constituição de uma CPI por três meses, para “inquirir as decisões de gestão estratégica e financeira efetuadas por parte da SCML, associadas ou subsidiárias, desde 2011, que possam ter contribuído para o desequilíbrio financeiro” da Santa Casa e avaliar a “definição das orientações gerais de gestão e de fiscalização da atividade de gestão da SCML por parte da tutela governativa” entre 2011 e 2024”.

DN/LUSA

Parlamento acorda fim das portagens na ex-SCUT

MAIORIA Comissão de Economia aprovou proposta do PS com votos a favor de todos os partidos, com exceção da IL, que se absteve, e do PSD e CDS, que votaram contra.

O parlamento aprovou ontem favoravelmente, em votação final global, a proposta do PS para eliminar as portagens nas ex-SCUT e nos troços “onde não existam vias alternativas que permitam um uso em qualidade e segurança”.

O texto final apresentado pela Comissão de Economia, Obras Públicas e Habitação, com origem numa proposta do PS, foi aprovado com os votos favoráveis do PS, Chega, BE, PCP, Livre e PAN, com a abstenção da IL e contra do PSD e CDS-PP.

O objetivo deste projeto-lei, que entra em vigor em 1 de janeiro de 2025, é acabar com as portagens na A4 - Transmontana e Túnel do Marão, A13 e A13-1 - Pinhal Interior, A22 - Algarve, A23 - Beira Interior, A24 - Interior Norte, A25 - Beiras Litoral e Alta e A28 - Minho nos troços entre Esposende e Antas e entre Neiva e Darque.

De acordo com os socialistas, a

medida tem um impacto orçamental de 157 milhões de euros.

Há uma semana, num comunicado enviado à agência Lusa, o presidente da Associação Portuguesa das Sociedades Concessionárias de Autoestradas ou Pontes com Portagens (APCAP), Manuel Melo Ramos, alertou para o facto de o custo da abolição das portagens nas ex-SCUT vir a ser suportado pelos contribuintes. A associação defendeu ainda que o seu conhecimento e a sua experiência na gestão de infraestruturas podem contribuir para uma decisão “com menor impacto para o erário público”.

Para a APCAP, o conhecimento do setor permite assegurar soluções “capazes de refletir modelos ajustados a cada situação”, mostrando-se assim totalmente disponível para dialogar e colaborar nesta matéria.

DN/LUSA

Supremo rejeita pedido de Sócrates

O Supremo Tribunal de Justiça (STJ) voltou a recusar um pedido do ex-primeiro-ministro José Sócrates para afastar juizes da Relação de Lisboa no processo Operação Marquês, que têm de decidir sobre a eventual subida de recursos dos arguidos.

Segundo o acórdão de quinta-feira do STJ, os conselheiros Celso Manata (relator e antigo diretor dos serviços prisionais), Agostinho Torres e Vasques Osório consideraram não haver fundamento para afastar os desembargadores Francisco Henriques e Adelina Barradas de Oliveira, cuja imparcialidade a defesa do ex-governante argumentava estar em causa.

Francisco Henriques foi o magistrado que presidiu ao coletivo de juizes responsável pela condenação do ex-banqueiro Ricardo Salgado a uma pena de prisão de seis anos (posteriormente aumentada para oito anos) no processo saído da Operação Marquês, em março de 2022, e integrou o coletivo que condenou em julho de 2021 o antigo ministro Armando Vara a dois anos de prisão, num caso igualmente separado da Operação Marquês.

Já Adelina Barradas de Oliveira fez parte do coletivo que avaliou as medidas de coação a José Sócrates e que legitimou a suspeita de perigo de fuga, culminando na imposição de apresentações periódicas às autoridades por parte do ex-primeiro-ministro.

“Não existem elementos no processo que permitam considerar que a intervenção dos referidos juizes desembargadores no processo possa ser considerada suspeita nem – muito menos – que o requerente tenha indicado e provado factos objetivos que constituem motivo, sério e grave, para gerar desconfiança sobre a sua imparcialidade. Pelo exposto, (...) acorda-se em indeferir o requerimento de recusa”, lê-se na decisão do STJ.

DN/LUSA



Opinião
Viriato
Soromenho-
-Marques

Um refém no Palácio do Eliseu?

Algumas projeções indicam que as próximas eleições francesas podem levar ao desaparecimento do macronismo como força parlamentar, já que na segunda volta 536 dos 577 lugares em disputa poderão ter como finalistas a extrema-direita e a nova Frente Popular de esquerda. Macron irrompeu na política francesa, depois dos cinco anos nulos de Hollande, como um cometa, desarrumando os tabuleiros partidários. Com pompa monárquica, exibindo o vigor dos seus 39 anos no solitário passeio da tomada de posse, Macron prometia tudo a todos: um pouco mais de visão estratégica, para aqueles que atendiam ao seu currículo como estudioso da filosofia, uma revitalização da economia, tendo em conta a sua experiência de sucesso como banqueiro. Desiludiu em quase tudo, em particular na tentativa de renovar o eixo franco-alemão, atraindo a chanceler Merkel para sucessivas cimeiras, que pretendiam corrigir os excessos de austeridade e rigor orçamental da hegemonia alemã sobre as regras do euro. Chá e simpatia, mas tudo ficou

na mesma. Em 5 de maio de 2020, já com a pandemia a ceifar vidas pela Europa fora, o Tribunal Constitucional alemão publicou um acórdão a zurrir nas medidas do BCE, sob a direção a Mario Draghi, que tinham salvo o euro de implosão. O bloqueio germânico continua a ser a única constrição económica da UE.

A espontânea insensibilidade social de Macron criou-lhe a revolta dos “coletes amarelos”, mas o mais ameaçador gesto do presidente – para a França e a segurança global – foi a sua tese da “ambiguidade estratégica” perante a Rússia, desde fevereiro último. Macron, que no início da guerra apelava à não humilhação de Moscovo, aparece agora como o campeão do envio de tropas ocidentais para um confronto direto com a Rússia. Nem Washington lhe pediria tanto servilismo. Macron rompeu com a geopolítica francesa, nascida do desastre de Napoleão na retirada de Moscovo em 1812 e da derrota de 1870 perante a Prússia. Em dois séculos, a França nunca ignorou que a Europa vai do Atlântico aos Urais. De Gaulle sabia que fazer da Rússia um inimigo seria um erro mortal para um estadista francês. Aqueles que julgam ser só uma luta entre esquerda e direita o que se joga nas próximas eleições francesas esquecem que a clivagem existencial mais urgente para os europeus é entre a guerra e a paz. Embora exista ambiguidade nos dois campos em relação à guerra, será a perceção dos eleitores sobre as pequenas diferenças que ditará o grau da vitória do partido de Marine Le Pen e as condições para uma sua eventual coabitação com o presidente. Nesse caso, Macron tornar-se-ia cada vez mais refém da sua derrota, numa França em ebulição e entropia crescentes.

Professor universitário.

“**Aqueles que julgam ser só uma luta entre esquerda e direita o que se joga nas próximas eleições francesas esquecem que a clivagem existencial mais urgente para os europeus é entre a guerra e a paz.**”



Opinião João Caupers

Justiça a tempo

Não existem soluções simples para problemas complexos. Aqueles que afirmam conhecer uma solução simples para um problema complexo propõem habitualmente uma solução inviável, ou que não funciona, ou que agrava o problema. Ou são ignorantes, ou pouco inteligentes, ou populistas. Desconfio sempre de quem, enfrentando um problema complexo, começa por dizer “a solução é muito simples”. Nunca é – e se o fosse já alguém a teria encontrado.

É o que se passa com a relação da justiça – entenda-se, da atividade judicial – com o tempo. Hoje em dia, a referência crítica à morosidade da justiça tornou-se um hábito.

Não me interessa especialmente apurar se se trata de um facto estatisticamente comprovável ou de uma percepção. Ainda que fosse apenas uma percepção, mereceria a nossa atenção, suscetível como é de afetar negativamente a imagem da justiça.

Provavelmente, a maioria dos processos judiciais corre dentro de prazos razoáveis; como a maioria dos estudantes frequenta escolas que funcionam normalmente; tal como a maioria daqueles que recorrem aos hospitais são rápida e eficientemente tratados.

Ainda que esta possa ser a realidade, todos conhecemos casos de estudantes que há vários meses não têm professores de uma ou duas das disciplinas que deveriam frequentar. E de pacientes que esperaram longas horas por uma consulta ou muitos meses por uma cirurgia. Mesmo que estas situações sejam pontuais, elas não podem deixar de nos preocupar, pois corrompem a imagem do Estado social de direito, que todos, acredito, procuramos preservar.

O mesmo sucede com os tribunais. Esperar 10, 15 ou 20 anos pela decisão de um processo judicial, ainda que se possa tratar de uma situação pouco frequente, é uma situação que ocorre. E não deveria ocorrer. Nunca. Note-se que o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem tem considerado como princípio orientador que a duração aceitável ou razoável de um processo judicial não deve exceder três anos na 1.ª instância ou quatro anos se tiver sido interposto recurso.

Vale a pena indagar das raízes do nosso problema.

Porque pode demorar tanto tempo a resolução judicial de um litígio?

Por vezes, a explicação está na complexi-

dade do litígio: tem por objeto um contrato de concessão de uma autoestrada no valor de muitos milhões de euros, por exemplo. Ou se trata de um megaproceto penal, daqueles que ocupam terabytes de informação digitalizada (e que, com melhor gestão processual, poderiam ser evitados, visto que resultam de decisões de junção de processos). Milhares de documentos a analisar, centenas de testemunhas a ouvir, perícias complicadas.

Mas estes casos não são representativos. O comum dos processos judiciais não apresenta demasiada complexidade. E estes também se podem arrastar.

O processo judicial apresenta um nível de formalização acentuada: há diligências que é preciso fazer, documentos que têm de ser apresentados e analisados, pessoas que têm de intervir. E não de qualquer forma: tudo isto se encontra submetido a regras específicas, mais ou menos complexas, acrescentando que deve ocorrer segundo uma ordem predeterminada na lei.

Qualquer processo judicial tem no seu âmago um conflito de interesses, cuja resolução, inevitavelmente, protege um destes interesses e sacrifica outro. Quem antecipa uma decisão contrária aos seus interesses não se empenha numa solução lesta. Procura mesmo atrasá-la, recorrendo, quantas vezes abusivamente, a instrumentos próprios do sistema judicial, como as reclamações e os recursos para outros tribunais.

É por esta razão que muitos críticos da morosidade judicial se queixam daquilo que designam por “excesso de garantismo”, ou seja, de medidas destinadas a defender um dos interesses em conflito. Se fossem eliminadas ou atenuadas estas, teríamos, dizem, uma decisão mais célere.

É bem possível que tal sucedesse. Mas também é provável que viéssemos a obter uma pior decisão do tribunal.

Convém não esquecer a motivação de quem toma a iniciativa de instar um tribunal: pretende obter, para o litígio em que está envolvido, uma solução rápida e uma boa decisão – entenda-se, que lhe seja favorável. Só assim considerará que se (lhe) fez justiça.

Claro que nenhum sistema judicial do mundo conseguirá que todos os cidadãos litigantes obtenham uma decisão judicial que lhes seja conveniente. Mas pode e deve ser garantida a todos uma decisão em prazo útil.

Este problema agrava-se no processo penal, por força da relevância dos interes-

ses em jogo, em extremo a liberdade individual. Aqui, não só importa obter uma decisão judicial rápida como é crucial que os atos praticados no decurso do processo suscetíveis de afetar a liberdade dos cidadãos estejam submetidos a prazos o mais curtos possível e, evidentemente, que tais prazos sejam rigorosamente respeitados pelos envolvidos. Veja-se, a título de exemplo, o que ocorre com o prazo em que um detido deve ser apresentado ao juiz: 48 horas. O incumprimento deste prazo é frequente, havendo quem tenha estado detido mais de duas semanas antes de tal apresentação.

O que é que sucede quando um cidadão envolvido num litígio, através do seu advogado, não cumpre um prazo judicial? Deixando de fora o prazo dilatatório – que obsta à prática de um ato antes de certo momen-

to e, por conseguinte, não releva neste ponto –, o que sucede é que o prazo é perentório, significando isso que o ato que deveria ter sido praticado até ao seu termo deixa de o poder ser, com as inerentes consequências desfavoráveis para o cidadão.

Mas existe um terceiro tipo de prazos: o prazo ordenador, também designado meramente ordenador (o uso do advérbio é tudo menos inocente, pois sugere, bem, que o prazo serve para pouco). Este prazo estabelece também um limite temporal para a prática de um ato, mas este continua a poder ser validamente praticado após ultrapassado aquele limite. O problema é que são considerados ordenadores os prazos a cumprir pelo tribunal, pelo Ministério Público – na fase de inquérito – e pela secretaria judicial.

Dito por outras palavras: o desrespeito pelo prazo ordenador não produz quaisquer consequências jurídicas relevantes, a não ser uma vaga hipótese de responsabilização disciplinar – que raramente ocorre. Esta diferença afigura-se-me inaceitável.

O desrespeito do prazo ordenador pode resultar de uma de três causas:

a) Negligência daquele que deveria praticar o ato – juiz, magistrado do Ministério Público ou oficial de justiça;

b) Insuficiência dos recursos humanos ou financeiros do tribunal;

c) Inadequação do quadro normativo aplicável.

No primeiro caso, deverá ser responsabilizado aquele que haja incorrido em negligência; no segundo caso, a responsabilização será do governo; no terceiro, recairá sobre a Assembleia da República ou o governo [a competência para regular a organização judiciária está reservada à Assembleia, que pode autorizar o governo a fazê-lo, nos termos da alínea p) do n.º 1 do artigo 165.º da Constituição].

Quem nunca tem culpa nenhuma nunca é o cidadão lesado pelo incumprimento do prazo: paga os seus impostos e tem direito ao funcionamento regular dos tribunais. A única coisa adequada – para não dizer decente – a fazer é alterar a natureza destes prazos, fazendo recair consequências jurídicas sobre quem for responsável pelo seu incumprimento.



Claro que nenhum sistema judicial do mundo conseguirá que todos os cidadãos litigantes obtenham uma decisão judicial que lhes seja conveniente. Mas pode e deve ser garantida a todos uma decisão em prazo útil.”

Antigo presidente do Tribunal Constitucional e subscritor do Manifesto 50+50 pela reforma da justiça.



O registo de veículos elétricos no final de 2023 foi de 31,8% face ao total das vendas.

IGOR MARTINS / GLOBAL IMAGES

Rede europeia de carregamento cresce mais do que os veículos elétricos

INFRAESTRUTURA Há oito Estados mais avançados que Portugal, mas país vai cumprir e até superar regulamento comunitário fixado para este ano, garante o presidente da MOBI.E ao DN. Rede terá de quadruplicar na UE até 2030 com vista à neutralidade carbónica.

TEXTO CARLA AGUIAR

A rede de carregamento elétrico na Europa está a crescer mais rapidamente do que a própria frota de veículos movidos a eletricidade, eliminando gradualmente as barreiras à adesão a este tipo de mobilidade. Mas ainda é preciso quadruplicar a infraestrutura até 2030 para atingir os objetivos estipulados pela regulamentação comunitária, com vista à neutralidade carbónica, conclui um estudo recente da Transport & Environment.

De acordo com a análise daquela ONG especializada em transição energética dos transportes, o número de carregadores públicos triplicou nos últimos três anos, sendo que o de carregadores rápidos cresceu 4,5 vezes. Esta expansão fez mesmo com que oito países já tivessem superado este ano os objetivos do regulamento comunitário AFIR, previsto para 2025, que estipula uma distância máxima de 60 km entre postos de carregamento nas principais vias transeuropeias, bem como determinados níveis de potência disponível. Ou-

tros já cumpriram até os critérios previstos para 2026.

Portugal não faz parte da liga dos países mais avançados face às metas de 2025, mas “está bem posicionado” no campeonato que se joga este ano. Isso mesmo garantiu o presidente da MOBI.E, Luís Barroso, ao DN. “Estamos acima dos critérios do AFIR até final de 2024.” Em primeiro lugar porque, explicou, “se o regulamento define uma distância máxima de 60 km entre postos, a nossa legislação já prevê uma distância inferior, de 40 km, para estações de serviço, que incluem todas carregadores nas redes transeuropeias de transportes, que são as autoestradas A-1, A-25 e A-6”. Por outro lado, Portugal conta, até à data de 20 de junho, com cerca de 75 tomadas por 100 km de estrada e 102 tomadas por 100 mil habitantes, o que é considerado um bom indicador, informou a MOBI.E.

A segunda razão pela qual Luís Barroso considera que o país está numa situação confortável face a alguns dos seus congéneres europeus é a própria quota de veículos elétri-

4949

Acesso Existem 4949 postos de acesso público e 8707 pontos em Portugal.

36,4%

Rapidez 36,4% dos postos já têm tomadas de carregamento rápido ou ultrarrápido, de acordo com dados da MOBI.E fornecidos ao DN.

102

Tomadas Existem 102 tomadas de carregamento elétrico por cada 100 mil habitantes em Portugal.

cos nas vendas. Segundo os dados da Eletromaps, a percentagem de veículos 100% elétricos e híbridos *plug-in* registados em Portugal era de 31,8% no final de 2023. Esta percentagem contrasta com os níveis conseguidos por outros países do Sul, como Espanha, que não ia além dos 11,9%, ou mesmo de Itália, em torno dos 9%, adiantou aquele responsável. Mas nas redes de carregamento, os países do Sul da Europa não ficam mal na fotografia. Segundo a T&E, falta, no entanto, melhorar o tempo de atividade real dos postos (em que não estão avariados ou em manutenção) e também a sua interoperabilidade, de modo a facilitar a experiência do utilizador. “Vamos cumprir e provavelmente até ultrapassar os critérios do AFIR, porque a própria dinâmica do mercado dos elétricos vai levar os operadores a instalarem mais postos de carregamento”, acredita presidente da MOBI.E.

A partir do final de 2024 a infraestrutura de carregamento de cada Estado-membro deverá disponibilizar uma potência global mínima

de 1,3 kW por BEV e 0,8 kW por PHEV em circulação. “A MOBI.E já monitoriza a evolução deste indicador desde abril de 2022, e, apesar do crescimento acelerado do parque automóvel eletrificado, a infraestrutura de carregamento de acesso público tem vindo a registar desde sempre valores superiores ao mínimo exigido, cuja obrigação só estará ativa a partir do final deste ano. A potência da rede (ao dia de hoje) é de 273.677 kW (2,75% acima do exigido pelo AFIR)”, disse a MOBI.E em resposta ao DN.

Neste momento o país conta com 4949 postos de acesso público e 8707 pontos. E os postos com pontos rápidos ou ultrarrápidos já representam 36,4% em relação à totalidade da rede, indicou aquela entidade ao DN.

Cada país deverá, até ao final de 2025, garantir que cada plataforma na rede principal forneça uma potência de pelo menos 400 kW e incluir, no mínimo, um ponto com uma potência individual de, pelo menos, 150 kW, com uma distância máxima entre as mesmas de 60 km. “Portugal tem postos na rede principal em todas as áreas de serviço, ou seja, a uma distância de cerca de 40 km, disponibilizando carregamento ultrarrápido, isto é, com potências de 150 kW ou superiores.” Contudo, “ainda não disponibiliza potências de 400 kW em todas, exigência que só será efetuada a partir do final de 2025”, acrescenta a gestora nacional.

Apesar de a análise da T&E fazer uma avaliação positiva do ritmo de expansão da infraestrutura de carregamento na Europa, recomenda aos países que colmatem as lacunas na rede já em 2025, antes da meta fixada para 2030, para acabar com a resistência à mobilidade elétrica por receio da falta de autonomia das baterias. Por outro lado, defende-se uma cobertura mais ampla a nível regional e local, garantindo maior coesão entre os territórios.

De acordo com os dados da MOBI.E, este ano já foram poupadas 38.161 mil toneladas de CO₂ na sequência do uso de veículos elétricos carregados na rede pública. E foram feitos mais de 3,2 milhões de carregamentos até 20 de junho.

A MOBI.E consiste num conjunto de redes privadas que concorrem entre si, após a concessão de toda a rede a operadores privados em 2020. O modelo português e a sua rápida expansão tem chamado a atenção de outros países. A gestora pública da rede tem sido abordada por países como Espanha, Inglaterra ou Bélgica, Brasil ou Colômbia. “Cada vez há mais países a sondar-nos, porque consideram que Portugal é um exemplo daquilo que poderá ser uma solução a adotar, e temos tido vários contactos internacionais sobre a nossa solução”, disse o responsável da empresa fundada em 2015 e incumbida de criar um mercado para a mobilidade elétrica.

PUBLICIDADE

Patrocinador
Principal



15, 16, 22, 23
JUNHO 2024

PARQUE TEJO,
LISBOA



15 JUN

SCORPIONS
EVANESCENCE • EUROPE
EXTREME • RIVAL SONS • XUTOS & PONTAPÉS
COM ORQUESTRA FILARMÓNICA PORTUGUESA
LIVING COLOUR • HYBRID THEORY • PLUTO
THE LEGENDARY TIGERMAN • BLIND ZERO • PESTE & SIDA

16 JUN

ED SHEERAN
CALUM SCOTT • LUKAS GRAHAM
JÃO • LAUREN SPENCER SMITH
FERNANDO DANIEL • JAKE BUGG • IÑIGO QUINTERO
CAROLINA DE DEUS • DIEGO MIRANDA
CAPITÃO FAUSTO • NEYNA

22 JUN

JONAS BROTHERS
MACKLEMORE • JAMES
IVETE SANGALO • ORNATOS VIOLETA
CAROLINA DESLANDES • DILSINHO • FILIPE KARLSSON
KURA • FONZIE

23 JUN

DOJA CAT
CAMILA CABELLO • LUÍSA SONZA
NE-YO • MC CABELINHO • AITANA
PEDRO SAMPAIO • ANSELMO RALPH • SORAIA RAMOS
VEIGH • PROFJAM • DANNI GATO

E MUITO MAIS!

ROCKINRIOLISBOA.PT

**COMPRA
AGORA
SEM TAXAS**



Constrangimentos continuam, mas Linha SOS Grávida atendeu 5473 utentes de 1 a 19 de junho

BALANÇO O Hospital Garcia de Orta é a única unidade do país que encerra o serviço de obstetrícia de 21 a 27 deste mês, segundo os mapas das escalas das urgências publicados ontem à tarde pelo Ministério da Saúde. Mas o DN sabe que a tutela se prepara para substituir os mapas por uma página interativa com atualizações hora a hora já na próxima semana.

TEXTO ANA MAFALDA INÁCIO

Desde 1 de junho até ao dia 19, a Linha SOS Grávida atendeu 5473 utentes e reencaminhou, indicam os números oficiais, uma média de 288 grávidas diariamente. Recorde-se que nos primeiros três dias de funcionamento esta linha atendeu 450 chamadas, tendo encaminhado a maioria das parturientes. No fim de semana seguinte triou 614 e ao fim de 19 dias já vai em mais de cinco mil. A Linha SOS Grávida foi introduzida recentemente no âmbito do Plano de Emergência e Transformação da Saúde como sendo uma das portas de entrada no sistema de saúde durante o período de verão. Por isso mesmo, a ministra Ana Paula Martins tem vindo a apelar à população que, independentemente da publicação dos mapas das escalas das urgências, continuem a usar esta linha, já que através dela “a utente será triada e reencaminhada” para a unidade de mais próxima da residência. No mesmo período, a Linha SNS24, que é também um dos mecanismos de referenciação dos utentes, atendeu 181 314 chamadas.

Segundo explicaram ao DN, “a adesão às linhas telefónicas tem sido grande e o atendimento está a correr bem”. No entanto, e conforme demonstram os mapas das escalas das urgências publicados ontem pela segunda vez, há serviços que vão continuar com constrangimentos devido à falta de médicos para assegurar as escalas, nomeadamente na área da ginecologia-obstetrícia e pediatria. Esta semana a região da Grande Lisboa volta a ser a mais afetada com constrangimentos nos hospitais Garcia de Orta, em Almada, São Bernardo, em Setúbal, Beatriz Ângelo, em Loures, Nossa Senhor do Rosário, no Barreiro, e ainda nos hospitais de Santarém, Torres Novas e Leiria. No entanto, a unidade de Almada é a única que vai ter o ser-



Urgências de ginecologia e obstetrícia são das mais afetadas por falta de médicos.

TELMO PINTO / GLOBAL IMAGENS

viço de ginecologia-obstetrícia encerrado quase toda a semana, de 21 a 27 de junho. O Hospital Fernando da Fonseca estará a funcionar de forma condicionada e em articulação com o Hospital São Francisco Xavier nas áreas da ginecologia-obstetrícia.

Os mapas das escalas das urgências indicam ainda que o Hospital São Bernardo encerrará o serviço de ginecologia-obstetrícia já hoje, amanhã, segunda e terça-feira, e o de pediatria hoje e amanhã e terça-feira. Em Santarém, a urgência de ginecologia-obstetrícia também estará fechada hoje e amanhã, o mesmo acontecerá no Hospital Santo André, em Leiria, onde a Pediatria também fecha amanhã. O Hospital Beatriz Ângelo encerrou ontem a urgência de ginecologia-obstetrícia, que só reabrirá na segunda-feira. A urgência de Pediatria também fecha hoje e amanhã. No Hospital da Nossa Senhora do Rosário, no Barreiro, a urgência de ginecologia e obs-

tetrícia mantém-se aberta este fim de semana, mas vai encerrar na próxima quarta e quinta-feira. E a Pediatria também encerra quarta-feira. Em Torres Novas, o hospital que integra a Unidade Local de Saúde do Médio Tejo, juntamente com os hospitais de Abrantes e de Tomar, a urgência de Pediatria estará encerrada amanhã. A Norte, apenas se regista o encerramento da urgência de Pediatria do Hospital de

Chaves hoje e amanhã e no Hospital da Póvoa do Varzim o encerramento da urgência de ginecologia-obstetrícia neste sábado.

Recorde-se que a publicação dos mapas das escalas das urgências foi retomada pelo Ministério da Saúde na semana passada após críticas dos sindicatos médicos e da própria Ordem, que consideravam ser “uma falha grave na informação ao utente e aos profissionais”. Na primeira vez, foram publicados com incorreções e tiveram de ser atualizados na hora, ontem não se detetaram erros. Mas, segundo apurou o DN, o Ministério da Saúde preparara-se para substituir estes mapas por uma página interativa, com atualizações de hora a hora, tal como acontece já com a página que divulga a informação dos tempos de espera no Serviço Nacional de Saúde. O objetivo é manter a informação atualizada com maior rigor para o utente, explicaram-nos.

anamafaldainaci@dn.pt

BREVES

Governo vai rever habilitação para a docência

O Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) vai rever o regime jurídico da habilitação profissional para a docência, alterado pelo anterior governo, depois de a agência de acreditação do ensino superior ter identificado incongruências nas novas regras. “O MECI, em articulação com as instituições de ensino superior, está a preparar uma revisão daquela legislação, de forma a assegurar que a formação de docentes mantém elevados padrões de qualidade científica, pedagógica e didática”, revelou ontem a tutela, numa resposta à agência Lusa. As novas regras, aprovadas em novembro do ano passado, tornam, por exemplo, mais flexíveis os requisitos para ingressar nos mestrados em ensino, que conferem a habilitação profissional para a docência e voltam a instituir os estágios remunerados.

Albufeira vai criar código de conduta

O presidente da Câmara de Albufeira afirmou ontem que vai criar um código de conduta para o espaço público, no sentido de regular os comportamentos e excessos nas zonas de estabelecimentos de diversão noturna. A decisão foi tomada pelo autarca depois de uma reunião de emergência com as forças de segurança e associações do setor turístico, na sequência de “comportamentos excessivos de turistas estrangeiros à luz do dia” ocorridos no fim de semana na Rua da Oura, lê-se num comunicado do município. “O convite a estas estruturas de classe prendeu-se com a intenção de sensibilizar os empresários associados às referidas estruturas, para que não permitam os excessos comportamentais que têm vindo a ocorrer dentro e no espaço envolvente dos seus estabelecimentos”, lê-se na nota.



Opinião
Filipe Froes & Patricia Akester

Propostas para a saúde após a pandemia

“Nós estamos nisto juntos e vamos ultrapassar isto juntos.”
António Guterres
Secretário-geral da ONU

Assinalou-se no passado dia 5 de Maio o primeiro aniversário da declaração do fim da pandemia pela Organização Mundial de Saúde. Em pleno século XXI vivemos mais de três anos em pandemia, de 11 de Março de 2020 a 5 de Maio 2023, mais precisamente 1151 dias.

Em Portugal, mais de metade da população foi infectada, felizmente a grande maioria já após a administração do esquema vacinal primário, mas mesmo assim 26.616 residentes em território nacional perderam a vida. Um número trágico que enlutou demasiadas famílias e que representa cerca de 0,26% da população nacional. A pandemia causou 26.616 óbitos, a par de milhares de internamentos em cuidados intensivos, centenas de milhares de internamentos hospitalares e milhões de infeções. Em sede da capacidade de resposta do Serviço Nacional de Saúde (SNS), os dois piores dias ocorreram a 22 de Janeiro de 2021, com 6869 internamentos hospitalares, cerca de um terço da capacidade total de internamento do SNS, e a 5 de Fevereiro de 2021, com 904 camas ocupadas em Unidades de Cuidados Intensivos. Um valor superior em cerca de 140% à lotação em medicina intensiva prévia à pandemia. Este aumento só foi possível graças à requalificação de muitos espaços e enfermarias tradicionais e recobros pós-operatórios, nos hospitais, foram adaptados em Unidades de Cuidados Intensivos. Por exemplo, enfermarias com 20 camas foram requalificadas em 8 a 10 camas de cuidados intensivos, com o correspondente aumento dos recursos humanos. Em termos oficiais, a lotação total em muitos hospitais reduziu-se para poder acompanhar o acréscimo de gravidade dos doentes internados, a par do aumento da dedicação, das exigências e dos sacrifícios dos profissionais de saúde. Este desvio crítico de recursos da área da saúde teve certamente implicações no seguimento de outras patologias, mas perante os indicadores disponíveis revelou-se indispensável e a melhor opção.

Não há pandemias sem mudanças e o sector da saúde foi um dos sectores onde mais se fizeram sentir. Destas salientamos as seguintes:

A importância do Serviço Nacional de Saúde
Foi o SNS – sobretudo os seus diligentes profissionais – que esteve na linha de frente do combate à pandemia, desempenhando um papel crucial na atenuação do seu impacto, salvando vidas e mitigando a disrupção social e económica. A resposta não se mediu apenas em volume, mas também na complexidade das intervenções, como, por exemplo, o uso da ECMO (Oxigenação por Membrana Extracorpórea), que dependeu exclusivamente do SNS. A pandemia sublinhou a importância vital de um SNS robusto, diferenciado e universal, sustentado por profissionais de saúde altamente motivados, devidamente reconhecidos e valorizados. Demonstrou, igualmente, a resiliente capacidade do SNS de se adaptar prontamente a desafios contínuos e inéditos.

As mudanças na força de trabalho
Como já foi referido noutros artigos (JAMA Health Forum), o esforço despendido pelos médicos e demais profissionais de saúde teve impacto no seu estado físico e psíquico, nomeadamente na saúde mental. Observou-se um aumento dos indicadores de esgotamento profissional (*burnout*) e depressão com reformas antecipadas, recusa do trabalho extraordinário, desvinculação e mudança para outras actividades. Torna-se imperativo implementar medidas que reforcem a protecção e valorização dos profissionais de saúde, nomeadamente sob a forma de condições de trabalho, incluindo remunerações adequadas à magnitude das suas responsabilidades e a promoção de um maior equilíbrio entre as esferas pessoal e profissional. A pandemia confirmou que a actividade de rotina em saúde não pode depender do recurso a horas extraordinárias ou de prestadores de serviços.

O desgaste das instituições de saúde pública
A pandemia provocou um grande desgaste nas instituições oficiais e em particular nas da área da saúde pública. Estas insti-

tuições, como, por exemplo, a Direção-Geral da Saúde, tiveram uma elevadíssima exposição mediática, acompanharam diariamente a situação epidemiológica, elaboraram orientações e normas e intervieram na fundamentação de inúmeras medidas, algumas com carácter restritivo, tais como os confinamentos, as limitações à circulação, o distanciamento social ou o uso das máscaras faciais. Podemos avaliar agora a pertinência dessas intervenções, que capacitaram adequadamente para enfrentar futuras emergências e cujos benefícios superaram reconhecidamente restrições e adversidades causadas. Tal desgaste pode ter abalado a confiança em instituições vitais para o envolvimento da população e o normal funcionamento do país. É, assim, imprescindível que estas instituições sejam redefinidas estrategicamente e dotadas dos meios e condições para, com urgência, reforçarem as suas capacidades técnica e científica.

“
O investimento em saúde deve ser visto como um pilar para a segurança nacional e a valorização dos profissionais de saúde como um imperativo ético e estratégico.”

Conclusão
Se as pandemias são fenómenos inevitáveis que testam a nossa capacidade de resposta em comunidade, representam igualmente oportunidades únicas de aprendizagem.

Em retrospectiva, a pandemia trouxe à superfície os desafios e a resiliência do sector da saúde, tendo o SNS demonstrado uma notável capacidade de adaptação e de resposta, que, conjuntamente com os seus profissionais, se revelou decisiva no combate e na mitigação dos seus efeitos.

A experiência adquirida deve ser canalizada para o fortalecimento das instituições e para a implementação de políticas que assegurem não apenas a preparação para futuras crises, mas também o bem-estar e a estabilidade dos profissionais que são a espinha dorsal deste sistema.

A pandemia redefiniu o panorama da saúde pública, evidenciando a importância de um sistema de saúde pública coeso e preparado. É essencial que o legado deixado por este desafio sem precedentes se traduza, entre outras coisas, numa renovada visão que valorize tanto a capacidade de resposta imediata como a sustentabilidade a longo prazo.

O investimento em saúde deve ser visto como um pilar para a segurança nacional e a valorização dos profissionais de saúde como um imperativo ético e estratégico. O caminho para uma sociedade mais resiliente e preparada passa inevitavelmente pelo reforço e pela evolução constante do nosso sistema de saúde. Se, como diz Einstein, “a única fonte de conhecimento é a experiência”, agora é o momento de mostrarmos o que aprendemos com a pandemia.

Nota: Os autores não escrevem de acordo com o novo acordo ortográfico.

Filipe Froes é pneumologista, ex-coordenador do Gabinete de Crise para a Covid-19 da Ordem dos Médicos e membro do Conselho Nacional de Saúde Pública. Patricia Akester é fundadora do GPI/IPO, Gabinete de Jurisconsultoria e Associate de CIPIL, University of Cambridge.



Opinião
Catarina Marques Rodrigues

À mulher violada, não basta sê-lo

O tema regressa com o caso do Brasil, depois da proposta de lei lançada pelas mãos do deputado e pastor evangélico Sóstenes Cavalcante, que quer equiparar o aborto depois das 22 semanas ao crime de homicídio. O aborto já é crime no Brasil, sendo apenas permitido em casos de violação, de risco de vida da gestante ou de deficiência ou ausência de cérebro. Aqui, pretende-se que uma mulher que faça um aborto pelas razões acima citadas esteja sujeita a uma pena de entre 6 a 20 anos de prisão – o que quer dizer que, no caso de ter sido violada, a mulher estará su-

jeita a uma pena maior que a do seu violador, cuja pena máxima termina nos 10 anos. A sugestão invoca argumentos religiosos, mas de religião ou de pró-vida esta lógica não tem nada – trata-se de controlo da mulher através do medo colado ao seu corpo, à sua conduta e à sua auto-determinação. O caos atirou milhares de mulheres para as ruas de São Paulo desesperadas por ter de gritar por dignidade para si e para as crianças, que são as maiores vítimas de violação no Brasil – 6 em cada 10 têm menos de 13 anos, e a maioria dos crimes acontecem em casa, cometidos por familiares ou pessoas próxi-

“São centenas os casos de mulheres que morrem todos os anos no Brasil por abortos feitos em clínicas clandestinas.”

mas. Sexo com uma criança não é sexo – é violação. É crime. No Brasil, há uma mulher violada a cada 46 minutos, diz o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Os números têm caras, histórias e percursos brutalmente interrompidos pela violência atroz exercida por outro – um ato que só deveria ser imputado ao agressor, restando para a vítima o apoio físico, mental e emocional necessário para se reconstruir. Mas para a vítima, além de tudo isto, sobra também a culpa, a responsabilização e o espezinhamento público e privado. Os números mostram que a proibição não funciona – o aborto é a quarta causa de morte materna

no Brasil, sendo que a legislação não impede que os abortos se façam, impede apenas que se façam em condições seguras. São centenas os casos de mulheres que morrem todos os anos no Brasil por abortos feitos em clínicas clandestinas, parcas em recursos, com profissionais pouco habilitados para realizar os procedimentos. São mulheres em situação precária, que se refugiam nas alternativas possíveis. A realidade é alarmante e precisa de ser discutida, mas dentro do quadro da saúde e não da religião. Trazê-la para o plano dos valores religiosos esvazia as mulheres e meninas da sua condição de seres humanos, tornando-as meros objetos portadores de fetos, amordaçadas pela religião dos outros. A proposta anti-aborto vai ser discutida no segundo semestre do ano e pôs a nu uma realidade repugnante: à mulher violada, não basta sê-lo, nem sequer parecê-lo – ainda é revitimizada por uma elite religiosa que nada sabe sobre violência sexual, e que vê no corpo da mulher o objeto do policiamento e da reposição dos costumes ditatoriais, de que (quase) ninguém tem saudades.

Jornalista especialista em igualdade de género

Notícias para brasileiros que já vivem ou que pretendem viver em Portugal



Todas as primeiras segundas-feiras de cada mês, junto com o seu

Diário de Notícias





Opinião Anselmo Borges

Sem Deus, que futuro?

Concretamente nestes tempos de globalização, torna-se mais claro que não haverá paz entre as nações sem diálogo inter-religioso. Como não se cansou de repetir o teólogo Hans Kung: “Não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões sem critérios éticos globais. Não haverá sobrevivência do nosso globo sem um *ethos* global, um *ethos* mundial.”

O diálogo inter-religioso é mais do que simples tolerância religiosa, pois é exigência do próprio Absoluto a que todas as religiões estão referidas. Precisamos de todas as religiões para tentar dizer melhor, embora sempre na gaguez quase muda, o Mistério que sempre transcenderá o que dele possamos pensar e dizer. As religiões estão referidas ao Absoluto, mas não são o Absoluto. Neste sentido, o místico diria: Deus é “nada” de todas as religiões. Mestre Eckhart pedia a Deus que o libertasse de “Deus”, isto é, dos seus conceitos, imagens e representações de Deus.

Deste diálogo fazem parte também os ateus, não os ateus vulgares, mas os ateus que sabem o que isso quer dizer, porque são eles quem constantemente pode colocar, tem colocado e coloca os crentes de sobreaviso quanto ao perigo da superstição, da idolatria e da desumanidade que as religiões muitas vezes transportaram e transportam consigo.

Quando se pensa na coragem heróica necessária para, em tempos de hegemonia religiosa confessional e sabendo que se corria o risco da prisão, da morte no cadafalso e da “certeza” do inferno, ousar, em nome da dignidade humana, do respeito para com Deus, das exigências mínimas da razão, lutar contra a superstição e contra o ridículo clerical-eclesiástico, surge-nos do mais íntimo e fundo de nós o sentimento de veneração e de reconhecimento de “santidade” em relação a muitos daqueles que, a maior parte das vezes em sentido pejorativo, ficaram na história como críticos da religião e até ateus. Esses não são santos de nenhuma igreja, mas são com certeza “santos” da Humanidade.

Impressiona que hoje o cristianismo, que é uma fonte de liberdade e de libertação – estou convicto de que é a maior na história da Humanidade –, para muitos já não exerça fascínio. Surpreende que, frente a Deus, enquanto o Infinito é a verdade



do finito, grande número de homens e mulheres se mantenham indiferentes ou até O recusem pura e simplesmente. Há múltiplas razões explicativas desta indiferença e recusa. Uma delas, que não será a menor, prende-se com a imagem de Deus transmitida pelos crentes. Muitas vezes o Deus que aparece é um Deus menor, triste, invejoso, impeditivo da liberdade, da autonomia, do novo, que envenena o amor, a alegria e a criação. Depois, os crentes teriam de cindir a vida: a vida propriamente dita e uns enclaves de beatice. Não se caminha livre, erguido, inteiro, autónomo, solidário, na busca, correndo riscos. Como homens e mulheres humanos, justos, criadores. Perante uma imagem de Deus que humilha e atemoriza, ergue-se então, como escreveu o filósofo Carlos Díaz, a tentação de “matar Deus com medo que Deus me mate a mim”.

Hoje, a questão essencial é que se corre o risco de já nem sequer se colocar a questão de Deus, nem sequer como questão. Ora, não é o que já está a acontecer nesta nossa sociedade de imediatismo disper-

so, de hiperactividade, num tempo descontinuado?... Como escreveu Byung-Chul Han no seu recente livro *Vita Contemplativa* referindo-se a esta sociedade: “A actual crise religiosa não se pode simplesmente atribuir ao facto de termos perdido toda a fé em Deus ou determinadas crenças terem passado a inspirar-nos desconfiança. A um nível mais profundo, esta crise indica que estamos a perder cada vez mais capacidade contemplativa. A crescente compulsão para produzir e comunicar dificulta a permanência no contemplativo. A religião requer uma atenção especial. Malebranche refere-se à atenção como a oração natural da alma. Hoje, a alma já não ora. Pelo contrário, produz-se. É precisamente à sua hiperactividade que se deve a perda da experiência religiosa. A crise religiosa é uma crise de atenção.”

Espíritos eminentes preveniram para os perigos, sendo urgente preparar-se para o pior. Václav Havel, o grande dramaturgo e político, pouco tempo antes de morrer surpreendeu muitos ao declarar que “estamos a viver na primeira civilização global” e “também vivemos na primeira civilização atea, numa civilização que perdeu a ligação com o infinito e a eternidade”, temendo, também por isso, que caminhe para a catástrofe. Karl Rahner, talvez o maior teólogo católico do século XX – tive o privilégio de tê-lo como professor –, perguntava: “O que aconteceria se a simples palavra ‘Deus’ deixasse de existir?” E respondia: “A morte absoluta da palavra ‘Deus’, uma morte que eliminasse até o seu passado, seria o sinal, já não ouvido por ninguém, de que o Homem morreu.” Neste domínio, o perigo maior provém de a questão de Deus já não ser sequer questão. Como escreveu o historiador Georges Minois, o mundo parece encontrar-se hoje perante um facto decisivo e mesmo único: se, independentemente da sua resposta positiva ou negativa, o Homem já não vir pura e simplesmente necessidade de colocar a questão de Deus, isso significa que, pela primeira vez na sua história, a Humanidade sucumbe à imediatidade, a uma visão fragmentária do aqui e agora e “abdica da sua procura de sentido”.

“

Surpreende que, frente a Deus, enquanto o Infinito é a verdade do finito, grande número de homens e mulheres se mantenham indiferentes ou até O recusem pura e simplesmente.”

Padre e professor de Filosofia.

Escreve de acordo com a antiga ortografia.

Steve Killelea

“O mundo deveria dar mais atenção aos pequenos conflitos antes de se tornarem grandes, como na Ucrânia ou em Gaza”

GEOPOLÍTICA Presidente e fundador do Instituto para a Economia e a Paz, o *think tank* que elabora todos os anos o Índice Global da Paz, o australiano Steve Killelea esteve em Lisboa e conversou com o DN sobre o grande número de conflitos no mundo, 56, um recorde desde o final da Segunda Guerra Mundial. Também falou sobre Portugal, país que é o sétimo mais pacífico e que conhece há muitas décadas.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA**

Vou começar por Portugal por ser o sétimo país mais pacífico do mundo, segundo o Índice Global da Paz. Sei que é um visitante habitual do nosso país. Quando chega a Lisboa, e também quando viaja para fora da capital, é óbvio para si que é realmente um dos países mais pacíficos do mundo? Sim, conheço Portugal há muitos anos. As primeiras vezes que vim aproveitei para surfar. Costumava vir aqui regularmente em negócios, e depois com a minha mulher tirávamos umas férias de uma semana ou de 10 dias e ia surfar na costa portuguesa. Parávamos em todos esses locais ótimos para surfar e visitávamos aldeias e vilas realmente antigas. Às vezes sentia que estavam ali provavelmente há mil anos. E era já óbvio então que o país era altamente pacífico. Mas deixe-me acrescentar que tenho uma ligação de longo prazo em muitos aspetos com Portugal, pois temos uma governanta em casa, que trabalha para nós há 40 anos, e que na verdade ajudou a criar os nossos quatro filhos, que é portuguesa. **Portugal chegou a ser o quarto país mais pacífico, segundo o índice criado pelo seu Instituto para a Economia e a Paz. Agora está**

três posições abaixo. É apenas uma questão de pormenor ou há algo que está a piorar? Os países no topo estão muito agrupados. Do número dois ao número nove no índice o valor vai de 1,3 a 1,4 numa escala de cinco. Pequenas flutuações, bastante comuns, podem fazer descer ou subir

um país na classificação. Parte da queda deve-se ao aumento do envolvimento de Portugal em conflitos além-fronteiras, em operações de manutenção da paz e coisas desse género. Isso teve algum impacto. Houve igualmente um ligeiro aumento nos homicídios. Mas, por outro lado, houve certas melhorias, como a perceção da criminalidade, que melhorou ligeiramente.

Há um esforço de aumentar o orçamento da defesa para 2% do PIB por causa dos compromissos assumidos com a NATO. Ao concretizar-se, vai afetar a posição de Portugal num futuro próximo?

Sim, vai. O aumento da militarização ao longo do tempo afeta a pontuação e é visto como algo negativo. Quando olhamos para o índice, ele é construído em torno da ausência de violência ou do medo da violência. Há duas razões para aumentar a militarização: uma delas é porque o país deseja usá-la para melhorar os seus resultados geopolíticos e a segunda é que há medo de conflito provocado por atores externos. Este último caso é o que está a acontecer na Europa neste momento. Portanto, a ausência de violência ou o medo da vio-



lência gera a definição de paz. **Quando olhamos para o índice, a Islândia está na primeira posição, e desde o início, em 2008. O Iémen está agora no fundo da tabela, em vez do Afeganistão. É óbvio que estes dois países nos extremos são completamente diferentes: uma ilha no Atlântico Norte e um país do Médio Oriente. O que realmente faz a diferença abismal é mais que a geografia?**

Bem, há muitas coisas que fazem a diferença. A Islândia tem uma longa história de paz. A última vez que teve o que se chama de guerra foi há quase mil anos. Quando se olha para a Islândia, é um meio ambiente realmente hostil, um dos mais severos do mundo, e por causa disso todos os que lá vivem tiveram que se unir. E até recentemente, talvez há uns 40 anos, era ainda bastante aceitável na Islândia entrar na casa de alguém que não estivesse lá, porque tudo estava aberto. Entrava-se, colocava-se uma chaleira no fogo para aquecer água e preparava-se uma chávena de chá. Como o clima é tão severo, com tempestades que chegam de repente, as pessoas procuram abrigo muito, muito rapidamente, e podia ser em casa de qualquer outra pessoa. E por a ilha ser

tão pouco povoada nunca houve realmente um rei nem um exército que impusesse a lei. Então os islandeses reuniam-se no centro da ilha uma vez por ano, no meio do verão, para discutir quais seriam as ordenações que seriam implementadas. O lugar onde se reuniam tradicionalmente é onde duas placas tectónicas se encontram e onde há a maior falha entre as duas placas. Portanto, por a ilha ser tão pouco povoada e sem exército cabia às comunidades fazerem o seu próprio policiamento, um policiamento comunitário. Da mesma forma, muitas vezes os homens da Islândia ficavam no mar durante longos períodos de tempo, às vezes um ano, às vezes dois, e quando voltavam para casa descobriam que as suas mulheres tinham tido filhos com outros homens. Então, novamente, tiveram que levar em conta esta realidade, o que criou muita tolerância e harmonia na ilha. Todos estes diferentes fatores, e outros mais, juntaram-se para criar o país. Se formos ao Iémen, por exemplo, quando vemos o que sofre, o que sofre a maioria dos países assolados por conflitos, muito tem a ver com ter uma ecologia muito pobre. Aliás, a degradação ecológica no país está entre as

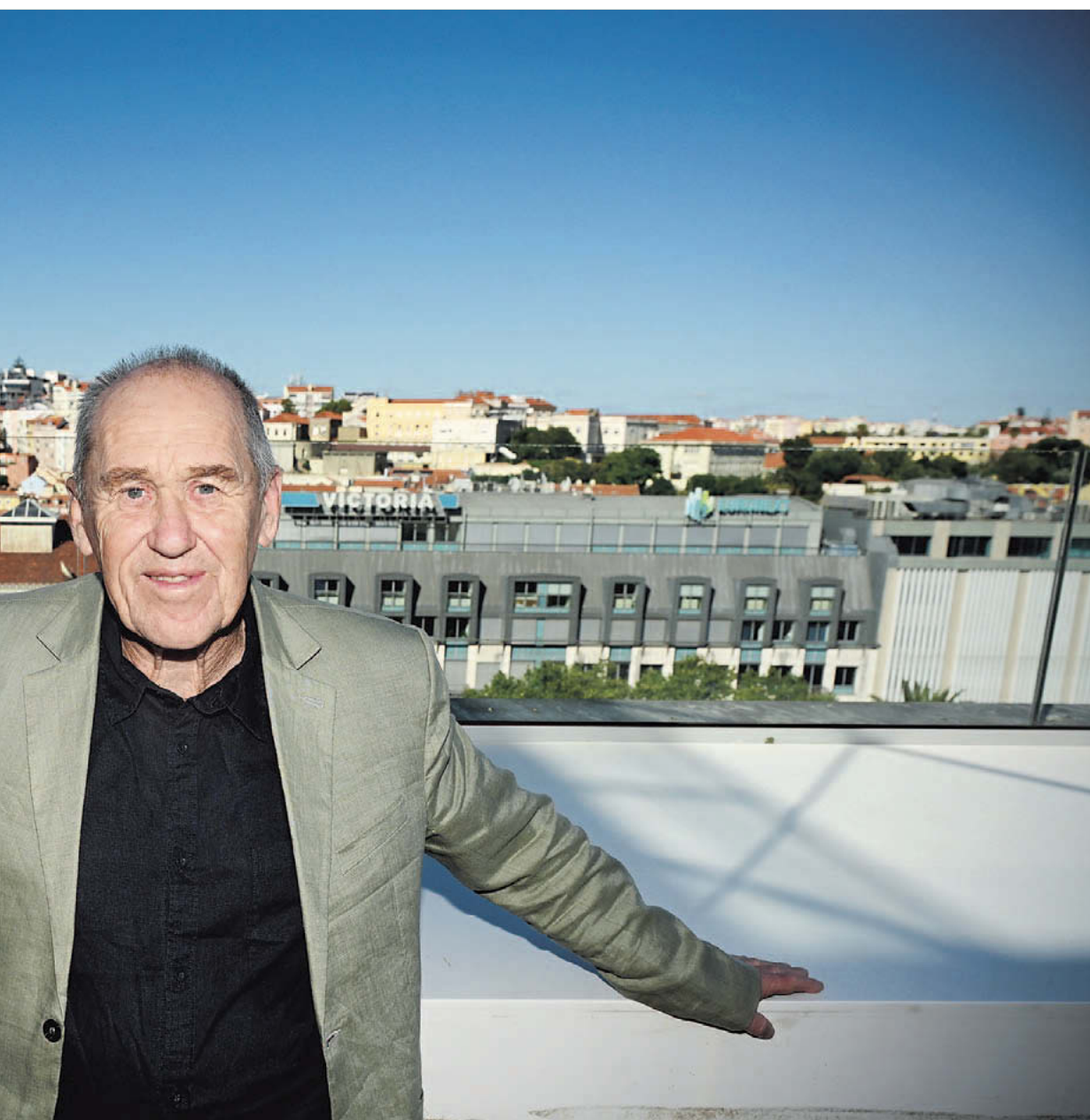
Índice Global da Paz

OS 10 PAÍSES MAIS PACÍFICOS

Islândia
Irlanda
Áustria
Nova Zelândia
Singapura
Suíça
Portugal
Dinamarca
Eslovénia
Malásia

OS 10 PAÍSES MENOS PACÍFICOS

Iémen
Sudão
Sudão do Sul
Afeganistão
Ucrânia
R. D. Congo
Rússia
Síria
Israel
Mali



RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS

piores do mundo. E muitas vezes descobrimos que o conflito e a degradação ecológica andam juntos. O que acontece é que, quando se tem um meio ambiente onde é difícil produzir alimentos suficientes para sustentar a população, é provável que haja muito mais hostilidades ligadas precisamente à disputa dos recursos. E, da mesma forma, quanto mais conflito existir, maior será a probabilidade de se degradarem os recursos. Então, da próxima vez que ocorrer algum tipo de choque, como uma seca, por exemplo, maior será a probabilidade de o sistema entrar em colapso. A outra coisa que afeta negativamente este tipo de países tem a ver com o governo ou com a ausência dele. Normalmente, não existe um governo que tenha controlo sobre o território de facto. Por isso podemos ter um governo apenas nominal, como o que temos hoje no Iémen, mas temos uma grande parte do território controlado por forças rebeldes, como os houthis, neste caso.

O índice divulgado agora destaca também o número recorde de conflitos no mundo. É o número mais alto desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Obviamente, toda a gente sabe da guerra na

Ucrânia, da guerra em Gaza, mas há outros conflitos que passam despercebidos nos meios de comunicação, como os no Sudão, no Sudão do Sul, no Congo ou na Etiópia. Em 2023, a maior parte das mortes foram na Ucrânia e em Gaza, mas recorde que em 2022 o conflito mais mortífero até era no Tigré, uma região da Etiópia. Como explicar mais de 50 conflitos no mundo de hoje?

Atualmente existem 56 guerras, que é o máximo desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Da mesma forma, temos agora 92 países que lutam num conflito para além das suas fronteiras. É o máximo desde a criação do Índice Global da Paz, em 2008. O que temos visto nos últimos 50 anos é uma queda substancial no finalizar dessas disputas. Exemplifico: voltamos à década de 70, em que 49% dos conflitos terminaram porque ou os rebeldes venceram ou o governo venceu, portanto houve uma vitória absoluta de um lado. Isso caiu para 9% na década de 2010. Da mesma forma, se voltarmos à década de 70 e olharmos para os acordos de paz, 23% dos confrontos terminaram com acordos de paz. Na década de 2010 isso caiu para 4%. Então o que

estamos a ver é essa enorme mudança para pior na capacidade de resolver conflitos. E foi isso que causou o grande aumento. Estamos a ter o que já foi chamado de “guerras eternas”. Estas disputas violentas, que poderíamos chamar de conflitos menores, e para nós

A Islândia tem uma longa história de paz. A última vez que teve o que se chama de guerra foi há quase mil anos. Quando se olha para a Islândia, é um meio ambiente realmente hostil, um dos meios ambientes mais severos do mundo. E por causa disso todos os que lá vivem tiveram que se unir.”

isso representa algo entre 25 e 1000 mortes por ano, estão a tornar-se o que chamamos de conflitos esquecidos ou guerras eternas. No entanto, há uma necessidade urgente – e isto é algo que eu pressionaria a comunidade internacional a levar a sério – de conseguirmos resolver o maior número possível destes conflitos menores. Haverá alguns que serão muito mais fáceis de acabar do que outros, mas, se nada se fizer, esses conflitos menores terão o potencial de se transformar num grande conflito. Por exemplo, se voltarmos a 2019, as guerras na Etiópia, em Gaza e na Ucrânia eram nessa altura consideradas conflitos menores.

Quando olhamos para estes dois grandes conflitos, Gaza e Ucrânia, está otimista quanto à perspetiva de paz num e noutro caso?

Penso que a guerra ucraniana provavelmente terminará num conflito congelado ou em escaramuças ligeiras que durarão algum tempo. É improvável que a Ucrânia aceite um acordo em que tenha de ceder território, mas, por outro lado, também é pouco provável que a Rússia desista do território que já está ocupado. Então talvez a comunidade internacional possa reuni-las para chegar a um acordo. O conflito de Gaza é muito mais difícil e problemático, e a principal preocupação para a comunidade internacional é que não se espalhe e se torne num conflito regional, porque isso teria um impacto grave na economia global. Assim, por exemplo, se olharmos para o Egito, Israel, Jordânia, Líbano e Irão, o valor económico total desses cinco países é de cerca de 3 biliões de dólares. Se olharmos para a guerra civil na Síria, o PIB caiu 87% ao longo de uma década. Se considerarmos o conflito ucraniano, no primeiro ano o PIB caiu 29%. Por isso vamos assumir que há uma queda de cerca de 30% da economia se a guerra em Gaza se tornar regional, o que rondará um bilião de dólares. O fluxo e os efeitos no resto do mundo são provavelmente grandes o suficiente para empurrar a economia global para a recessão. Portanto, o preço económico disto, para além do sofrimento humano, que é trágico, também é grave. Da mesma forma, haveria um fluxo de refugiados, que, com toda a probabilidade, se deslocariam em direção à Europa. E haveria um risco acrescido de o terrorismo também fluir para outras partes do mundo. Penso que o que é realmente importante é que a comunidade internacional mantenha o conflito circunscrito. A chave para o compreender é o que acontece quando a guerra terminar. E nesta fase a comunidade internacional não é clara sobre isso.

Estamos a falar de guerra, mas o que o seu instituto criou foi o Índice Global da Paz. Pode explicar a ideia de paz positiva, que é tão importante na construção do índice? Como é que um país poderia

melhorar a sua posição?

Há certos conceitos que criam uma sociedade pacífica que são muito parecidos com o corpo humano. Existem determinadas coisas que sabemos que nos mantêm saudáveis, como uma dieta equilibrada, exercício físico, uma disposição mental correta. Se tivermos esses itens, é menos provável que adoecemos. Da mesma forma, alguns tipos de características também são verdadeiras para a sociedade. Nós rotulamos isso de paz positiva, pois são as atitudes, instituições e estruturas que criam e sustentam sociedades pacíficas. Estas sociedades são muito mais resilientes, e o que é vital é que as mesmas qualidades que criam sociedades pacíficas também criem uma série de outras coisas que consideramos importantes, como um rendimento *per capita* mais elevado, um melhor desempenho na ecologia, uma melhoria das medidas de bem-estar e felicidade e melhor desenvolvimento. Consequentemente, em muitos aspetos a paz positiva descreverá um ambiente ideal, sob o qual o potencial humano pode florescer. Este conceito de paz positiva pode ser aplicado olhando para a saúde geral da sociedade. Se quisermos, é como um termómetro que verifica a saúde de um país.

Por exemplo, estamos a falar de que a paz é boa para o PIB. Mas o país mais rico do mundo, o mais poderoso, os Estados Unidos, está na posição 130. Como explica esta posição americana tão baixa?

Deve-se a uma série de indicadores diferentes. Claro que estão envolvidos em mais conflitos do que qualquer outro país do mundo e têm uma militarização enorme. Também para uma democracia avançada apresentam altas taxas de homicídio e têm uma grande disponibilidade de armas. E têm uma das maiores populações prisionais do mundo, embora isso tenha diminuído nos últimos cinco anos. São estes os principais factos que afetam o país no índice.

Asua Austrália está atualmente na posição 23. A geografia protege-a dos conflitos? Pode ambicionar uma posição mais elevada no índice?

Sim, a Austrália ocupa o 23.º lugar no Índice Global da Paz e por isso ainda é o que chamaríamos de um país de alta paz, e o que a mantém fora dos 10 primeiros é, em parte, as suas despesas militares. E também o número de conflitos externos em que está envolvida. As taxas de encarceramento são ligeiramente mais altas do que as que se encontram nos países de paz muito elevada. Por exemplo, a Austrália envolveu-se na maioria dos conflitos em que os Estados Unidos se envolveram nos últimos anos, e como exemplo cito o Afeganistão e o Iraque. Mas geralmente as relações com os países vizinhos são boas, embora a situação esteja tensa com a China nestes últimos cinco anos.

Visita de Milei a Madrid abre nova polémica entre o governo e o PP

ESPAÑA Presidente da Argentina mais uma vez não se irá encontrar com Felipe VI ou com Pedro Sánchez, a quem já chamou de “cobarde”. Executivo critica a iniciativa de Isabel Ayuso.

TEXTO ANA MEIRELES

O presidente argentino, Javier Milei, regressou ontem a Espanha para uma visita que gerou nova polémica entre o governo de Pedro Sánchez e o Partido Popular de Alberto Núñez Feijóo devido a divergências na classificação dada à mesma e por incluir uma condecoração atribuída por Isabel Ayuso, a presidente da Comunidade de Madrid, do PP. Na agenda não estavam encontros com membros do Executivo socialista ou com o rei Felipe VI.

Alheios a qualquer polémica, Ayuso agradeceu Javier Milei ao final da tarde de ontem com a Medalha Internacional da Comunidade de Madrid, uma distinção criada há sete anos e que já distinguiu nomes como o ucraniano Volodymyr Zelensky ou o venezuelano Juan Gaidó. “Encaras com força e coragem medidas que soam como ar fresco”, elogiou a líder popular no seu discurso, numa referência às polémicas reformas que Milei está a implementar no seu país. O presidente argentino agradeceu os elogios às suas políticas: “Viemos do futuro para falar da decadência causada pelo socialismo”, declarou Milei. “Não deixem o socialismo arruinar as vossas vidas. [...] A justiça social é profundamente injusta e violenta.”

A polémica em torno de Javier Milei começou em maio, quando o argentino esteve em Madrid pela primeira vez desde que tomou posse como presidente, para participar numa convenção do partido de extrema-direita Vox, sem ter pedido audiências com as autoridades de Espanha. Durante o encontro do Vox proferiu declarações que o governo de Sánchez considerou insultuosas e inadmissíveis, por serem feitas numa visita a Espanha – o argentino chamou corrupta à mulher de Pedro Sánchez em Madrid e nas semanas seguintes dirigiu críticas a ministros e chamou “cobarde” ao primeiro-ministro espanhol.

A polémica transformou-se em crise diplomática com a retirada da embaixadora espanhola em Buenos Aires. Paralelamente, Milei e o seu governo têm sublinhado que o presidente argentino tem sido também insultado por membros do Executivo espanhol, que o acusam de negacionismo e autoritarismo ou sugeriram que consome drogas.



Javier Milei recebeu das mãos de Isabel Ayuso a Medalha Internacional da Comunidade de Madrid.

“Acho que é lógico, o rei é o chefe de um Estado no qual o presidente Milei desrespeitou o presidente do governo espanhol”, afirmou a ministra da Defesa de Espanha, Margarita Robles, logo na quinta-feira, sobre o facto de Felipe VI não se reunir com Milei. “Não creio que a condecoração de Isabel Díaz Ayuso a Javier Milei tenha origem num amor repentino pelo povo argentino. Acho que ela está a fazer isso por maldade”, venceu Patxi López, porta-voz socialista no Congresso.

Ayuso defendeu o seu encontro com Milei, declarando ser “uma honra receber o presidente legítimo” da Argentina e que esta era uma visita “oficial”. No entanto, o ministro dos Negócios Estrangeiros, José Manuel Albares, desmentiu ontem Ayuso. “Sem dúvida esta é uma visita privada. Não há nada na agenda oficial do que eu saiba até agora sobre essa visita”, referiu Albares, negando assim um carácter oficial à cerimónia de ontem à tarde na sede da Comunidade de Madrid, e sublinhando que “Espanha só tem uma política externa”.

Também a ministra da Educação e porta-voz do governo, Pilar Alegría, atacou a presidente da Comunidade de Madrid por rece-

ber Javier Milei, mas também por “não cumprir a lei” ao não comunicar ao Ministério dos Negócios Estrangeiros o seu encontro com um mandatário estrangeiro. “Assim se vê qual é o conceito de institucionalidade, lealdade e patriotismo da senhora Ayuso, que impõe uma medalha *fake* a quem insulta as instituições.”

Já o PP considerou “lógico” e “normal” que Isabel Ayuso tenha decidido receber e condecorar o presidente argentino, sem contar com o governo espanhol, numa altura de crise diplomática entre os dois países. “O que não é lógico é que ninguém tenha assistido à tomada de posse de um presidente eleito pelos argentinos. O que defendemos é a recuperação da normalidade das relações externas e internacionais entre dois países como Espanha e a Argentina”, defendeu a secretária-geral dos populares, Cuca Gamarra.

Alemanha com menos pompa

A visita inaugural de Javier Milei como presidente argentino à Alemanha deste fim de semana foi reduzida, com honras militares e uma conferência de imprensa canceladas, foi ontem anunciado.

Na semana passada, Berlim,

aquando da revelação dos detalhes da viagem, havia descrito a Argentina como “um dos parceiros económicos mais importantes da Alemanha na América Latina”. Mas agora foi alterado para uma “visita de trabalho muito curta”, com duração de cerca de uma hora, adiantou ontem o porta-voz do governo alemão, Steffen Hebestreit.

Embora as negociações com o chanceler Olaf Scholz ocorram, as honras militares e uma conferência de imprensa conjunta com o líder alemão foram retiradas do programa a pedido dos argentinos, acrescentou Hebestreit, referindo ainda que, “desde que assumiu o cargo, o senhor Milei deu muito poucas conferências de imprensa”. Mas especulou-se que o pedido do lado argentino para encurtar a visita se devia ao facto de Hebestreit ter descrito como “de mau gosto” os comentários de Milei sobre a mulher do primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez.

Durante a sua visita à Alemanha, Milei receberá um prémio da Sociedade Friedrich August von Hayek, um grupo que promove o liberalismo mas que é controverso, porque os seus membros incluem apoiantes do partido de extrema-direita alemão AfD.

ana.meireles@dn.pt

Juiz quer Puigdemont investigado por traição

O juiz Joaquín Aguirre, do Tribunal de Instrução 1 de Barcelona, pediu ao Supremo que investigue os antigos presidentes da Generalitat Carles Puigdemont e Artur Mas pela chamada “trama russa” do processo independentista, tendo criado uma peça processual separada nesse sentido.

Segundo a Europa Press, que consultou o auto, é dito que esta peça separada investiga os delitos de traição e peculato pela alegada ligação de líderes independentistas com autoridades russas, principalmente após a organização do referendo de 1 de outubro de 2017.

Em concreto, o juiz quer esclarecer uma conversa em que são mencionados “dez mil soldados russos” para ajudar a Catalunha a conseguir a independência. Mas igualmente “investigar, também ao nível do Parlamento Europeu, todas as ligações relacionadas com o governo russo, as viagens e encontros de Puigdemont e dos seus colaboradores e as atividades por eles realizadas, que teriam facilitado a infiltração de pessoas de origem russa em território espanhol com o objetivo de influenciar as estruturas financeiras e na realização de atividades de desinformação, desestabilização e alteração da paz social”.

Atualmente estão a ser investigadas 11 pessoas, entre as quais o chefe de gabinete de Carles Puigdemont e o seu advogado, Josep Lluís Alay e Gonzalo Boye, mas também a antiga conselheira Elsa Artadi, e o deputado do Junts per Catalunya Francesc de Dalmases.

O advogado de Puigdemont criticou ontem esta decisão do juiz Aguirre, afirmando que “os psicotrópicos são perigosos” e causam delírios. “Em certas idades e a certas horas os psicotrópicos são perigosos, porque permitem que se produzam delírios como os que estamos a ler nestas páginas que o juiz Aguirre escreveu com dinheiros públicos”, referiu Gonzalo Boye. **A. M.**



Manifestante em Jerusalém exige a destituição de Netanyahu.

Netanyahu prolonga divergência com Casa Branca

ALIADOS Primeiro-ministro israelita não dá por encerrado bate-boca com funcionários da Administração Biden. Guterres alerta sobre Líbano.

TEXTO CÉSAR AVÓ

As divergências entre Benjamin Netanyahu e a Casa Branca continuam na ordem do dia, com o primeiro-ministro israelita a voltar à carga sobre as alegações de que Washington está a atrasar o fornecimento de armas.

Em entrevista ao site Punchbowl News, Netanyahu justificou o vídeo publicado na terça-feira e no qual se mostrou indignado pelo “inconcebível” atraso na entrega de armas: “Senti que era absolutamente necessário expor o assunto depois de meses de conversas silenciosas que não resolveram o problema”, disse na entrevista publicada na sexta-feira. O primeiro-ministro da coligação mais à direita de sempre em Israel voltou a agradecer ao seu maior aliado pelo apoio, mas acabou por falar sobre a falta de assistência militar. “Começamos a perceber que tínhamos há alguns meses problemas importantes a surgir. E, de facto, tentámos, em muitas e muitas conversas discretas entre os nossos funcionários e os funcionários americanos, e entre mim e o presidente [Biden], tentar resolver esta diminuição da oferta. E não fomos capazes de o fazer”, disse.

Segundo a Administração norte-americana – que se mostrou dececionada e irritada com o vídeo de Netanyahu –, o único material de guerra que não seguiu para Israel

foi um carregamento de bombas de 900 quilos, por temer as consequências da sua utilização nas zonas densamente povoadas da Faixa de Gaza. Já Netanyahu tem uma versão que não coincide. Diz não estar a referir-se aos aviões F-35 e F-16, “que estão a anos de distância”, mas “a falar do que é necessário agora para ganhar rapidamente a guerra em Gaza e evitar uma guerra no Líbano, que, na ausência de tal correção, aumenta o risco de deflagrar”.

Sobre esse risco de guerra de Israel com o Hezbollah o secretário-geral das Nações Unidas lançou um alerta num encontro com os jornalistas. O “avolumar das contínuas trocas de tiros” e o “avolumar da retórica belicosa de ambos os lados, como se a guerra total fosse

iminente”, foi denunciado por António Guterres. “Um movimento precipitado, um erro de cálculo, pode desencadear uma catástrofe que vai muito para além da fronteira e, sinceramente, além da imaginação. Sejamos claros: os povos da região e os povos do mundo não podem permitir que o Líbano se transforme noutra Gaza.”

Em resposta às pressões internacionais para permitir um fluxo constante de ajuda humanitária, Israel anunciou no domingo que iria passar a observar uma “pausa local e tática” de 11 horas no troço entre a passagem de Kerem Shalom e a estrada que se estende cerca de dez quilómetros para a Faixa de Gaza, junto do Hospital Europeu de Rafah. No entanto, a medida não trouxe melhorias: dezenas de camiões do Programa Alimentar Mundial da ONU foram interceptados por grupos armados e acabaram pilhados. Enquanto o representante da Organização Mundial de Saúde nos territórios palestinianos, Richard Peeperkorn, disse não se verificar “qualquer impacto nos fornecimentos humanitários desde o anúncio unilateral desta pausa técnica”, a organização Médicos sem Fronteiras alertou que será obrigada a “parar ou reduzir drasticamente” as suas atividades em Gaza caso não chegue um reabastecimento de material médico.

cesar.avo@dn.pt

● “Um erro de cálculo pode desencadear uma catástrofe que vai muito para além da fronteira”, comentou Guterres sobre a tensão Israel-Hezbollah.

Negociações de adesão à UE e dinheiro russo a caminho

UCRÂNIA Bruxelas dá passos para materializar o “sonho europeu” de Kiev (e de Chisinau).

Na Alemanha, a seleção de futebol ucraniana bateu a congénere eslovaca – cujo novo governo tem uma posição pró-russa, em linha com a Hungria –, mas a vitória mais importante veio de Bruxelas, com a confirmação oficial da abertura das negociações para a adesão do país (bem como da Moldávia), na terça-feira, e a indicação de que irá receber a primeira fatia dos juros dos bens russos congelados.

A Bélgica, que detém a presidência rotativa do bloco, informou que as negociações com a Ucrânia e com a Moldávia arrancam na terça-feira no Luxemburgo. “Milhões de ucranianos, e na verdade gerações do nosso povo, estão a realizar o seu sonho europeu. A Ucrânia está a regressar à Europa, onde pertence há séculos, como membro de pleno direito da comunidade europeia”, afirmou Zelensky nas redes sociais. Apesar de a etapa entre o estatuto de candidatos à adesão e o início das negociações ter demorado apenas dois anos, ambos os países sabem que a adesão não está à esquina. Até lá, toda a assistência é bem-vinda. O comissário europeu do Comércio, Valdis Dombrovskis, disse que a Ucrânia vai receber o primeiro pagamento de 1,5 mil milhões de euros dos lucros dos ativos russos congelados na UE “antes das férias de verão”. Os 27 concordaram em maio disponibilizar cerca de 3 mil milhões de euros anuais relativos ao dinheiro russo, que na sua maioria está alocado a uma empresa de serviços financeiros na Bélgica.

Seul protesta

Depois de Vladimir Putin ter dito que poderia transferir mísseis para Pyongyang caso a Coreia do Sul concretizasse o levantamento da proibição do envio de armas e munições para um país em guerra – no caso, a Ucrânia –, o Ministério dos Negócios Estrangeiros sul-coreano chamou o embaixador russo para apresentar um protesto sobre o novo pacto de defesa mútuo da Rússia e Coreia do Norte. O vice-ministro Kim Hong-kyu instou Moscovo a “suspender imediatamente” a cooperação militar com o Norte e que a Rússia “deve agir de forma responsável”, porque o extremar da posição do regime de Kim Jong-un é tal que este “não hesitará” em recorrer a armas nucleares. Depois da reunião, a embaixada publicou a resposta de Georgy Zinoviev, que terá afirmado ser inaceitável quaisquer tentativas de “ameaçar e chantagear” o seu país.

Antes, Seul fez saber através de um funcionário da presidência que a revisão que está a proceder sobre a assistência militar a Kiev depende da posição da Rússia. Mantendo a ideia de prosseguir com uma “ambiguidade estratégica”, o funcionário lembrou existirem “várias opções para o fornecimento de armas”. Depois de, num primeiro momento, ter informado que os sistemas de defesa aérea poderão fazer parte da assistência militar, fontes governamentais disseram à agência Yonhap que as munições de 155 mm estão também a ser objeto de análise. A Coreia do Sul está a equipar as Forças Armadas da Polónia com tanques, aviões de caça, lançadores múltiplos de foguetes e obuses. **C.A.**



Zelensky regozijou-se com a abertura de negociações com a UE.

Leonor Areal

“A imagem que temos do Pessoa é incompleta. Não estamos preparados para saber quem ele foi”

CINEMA Vamos pelas imagens em movimento inéditas de Fernando Pessoa e descobrimos um sentimento novo perante um arquivo que guarda as primeiras reações humanas a uma câmara de filmar. *Onde Está o Pessoa?* é um prazer detetivesco – a realizadora, Leonor Areal, falou ao DN sobre a sua própria investigação e descoberta. Nos cinemas.

ENTREVISTA INÊS N. LOURENÇO

Um homem sorri, outro afina o bigode, há uma pluma que passa por entre a multidão presa ao chapéu de uma senhora, e é ainda digno de registo quem se esconde da câmara e quem a procura, os que falam e os que gesticulam para ela, como se estivessem a sentir-se vigiados ou simplesmente excitados com a presença do objeto estranho. Tudo isto se vê no filme *Onde Está o Pessoa?*, em rigor um ensaio audiovisual que nos transforma em detetives amadores à procura de Fernando Pessoa no meio da multidão que sai de um concerto sinfónico no Teatro da República, em Lisboa, numa tarde de domingo de 1913. As imagens, de autoria desconhecida, lembram as da “saída da fábrica” dos irmãos Lumière, com os corpos em movimento diante do cinematógrafo, neste caso a interagirem com ele, a mostrarem o fascínio perante a novidade, alguns desconfiando da máquina... Mas não nos desviemos do essencial: que chapéu e bigode podem referenciar Pessoa?

A realizadora e investigadora Leonor Areal vai-nos orientando através da voz *off*, ora pausando no fotograma, ora recuando nesse segmento de arquivo, como quem se deixa desviar ludicamente do foco da sua pesquisa, atraída por outros rostos conhecidos, sejam os dos pintores Amadeo de Souza-Cardoso e Eduardo Viana seja o de um jovem António Ferro. São 60 minutos de puro deleite, com um instante privilegiado em que Pessoa se oferece ao olho da lente, durante nada mais nada menos do

que nove segundos. Pode dizer-se que é Pessoa “como nunca o vimos”. Mas, mais do que isso, somos devolvidos à condição da curiosidade primordial que envolveu a invenção dos Lumière. Numa palavra: delicioso.

O que é que está na origem deste filme? A Leonor foi à procura do Pessoa ou encontrou-o por acaso? Fui à procura dele. Mesmo sem grande esperança de o encontrar...



“Também lhe chamo filme-mistério porque tanto eu como os espectadores andamos atrás da mesma coisa, sendo que cada espectador olhará para sítios diferentes; não vemos todos o mesmo.”

Entre os muitos filmes que existem na Cinemateca digital, havia este, que é a saída da assistência do Teatro da República no fim de um concerto. E eu sabia, pelos diários do Fernando Pessoa, que ele frequentava esses concertos. Portanto, quando pus os olhos nestas imagens, foi logo com o intuito de o ver algures, apesar da baixa resolução. Acontece que era muito difícil encontrá-lo porque todos os homens aqui têm chapéu, quase todos têm bigode, saem muitos ao mesmo tempo, etc. Então guardei essa tarefa para uma altura em que tivesse tempo, e quando me dediquei realmente a procurar o Pessoa já tinha como ponto de partida a pergunta “onde está o Pessoa?”, sem que fosse obrigatório encontrá-lo: seria um ensaio paradoxal, digamos, sobre isto de ir à procura do Pessoa entre muitos chapéus e bigodes que são hoje um ícone desta figura. Mas a certa altura encontrei-o. E isso foi extraordinário: ele estava mesmo lá!

Portanto, o filme acaba por ser uma representação do próprio ato de investigar...

Essa era a intenção. Ou seja, independentemente de o encontrar, seria um filme que reproduziria a minha busca, a minha inquirição. No fundo, o filme é uma ciência aplicada, é a reprodução dos meus passos de investigação pela ordem em que eles aconteceram – obviamente, suprimindo alguns desses passos, porque foi quase um ano de pesquisa sobre as imagens. Mas é uma reprodução no sentido em que enuncia as minhas dúvidas, as minhas hipóteses, os meus erros, e

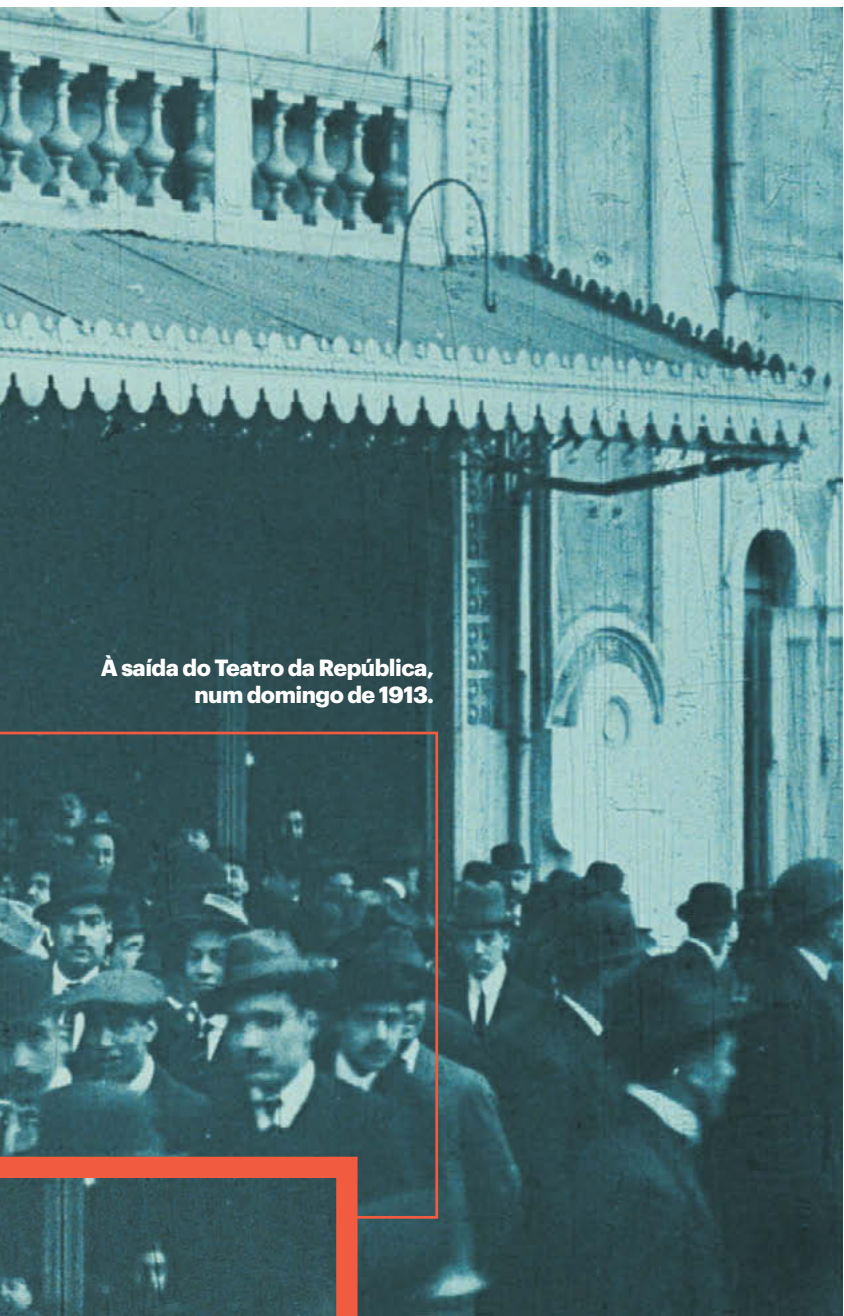


o espectador vai acompanhando o meu percurso, ele próprio formulando as suas hipóteses. De certo modo, também ele faz a sua procura. E pelo caminho vão-se sucedendo várias surpresas, isto é, encontrei muitas outras personalidades, umas mais notáveis, outras mais anónimas e esquecidas pelo tempo.

Mas, para além do reflexo de um

trabalho moroso, há também aqui uma dimensão dupla de filme de suspense e pesquisa lúdica, à semelhança dos livros Onde Está o Wally?

Sim, é verdade, é isso. E acho que funciona. As pessoas acabam por divertir-se. Eu também lhe chamo filme-mistério, porque tanto eu como os espectadores andamos atrás da mesma coisa, sendo que



À saída do Teatro da República, num domingo de 1913.



cada espectador olhará para sítios diferentes; não vemos todos o mesmo. Por outro lado, esse jogo é um desafio que começa logo no material de divulgação do filme – o cartaz e o trailer –, que já tem lá o Pessoa à vista, para quem quiser procurá-lo... E o que noto é que muita gente tem dificuldade em dar com ele. Porquê? Porque a imagem que temos do Pessoa é muito depurada,

não só pela iconografia que foi sendo criada, mas também pelo facto de existirem poucas fotografias – ao que parece, ele não gostava de tirar retratos. Então, a imagem que temos do Pessoa é incompleta: vamos atrás dos traços que o marcam, da *Gestalt* [forma], e não estamos preparados para saber quem ele é. **Falou aí em jogo e na questão do olhar, o que me remete para o olhar daqueles homens diretamente para a câmara e o nosso olhar sobre eles. Parece-me um jogo, uma dinâmica, ou melhor, uma tensão de olhares muito interessante.** Exatamente. E isso é uma coisa rara de se ver em cinema. Até porque hoje as pessoas não têm a mesma inocência que tinham naquela altura em relação à câmara e não a olham de frente, tal como aqui vemos. Nesse sentido, é como se nós os olhássemos na frontalidade, mesmo que eles não nos estejam a ver. Somos convidados a interpretá-los nos seus olhares e gestos, e penso que é também isso que nos agarra ao ecrã. É como se estivéssemos em contacto direto com aque-

las pessoas. **Há também um importante retrato sociológico nestas imagens. Mal se veem mulheres entre os chapéus masculinos – enfim, lá se encontra um ou outro adereço feminino na multidão –, quase como se a vida cultural fosse um “desporto masculino”...** Foi um aspeto muito notório para mim, ao princípio, sem dúvida. Mas, apesar de tudo, elas estão lá. Em bastante menor número, mas estão lá; aos poucos, fui-me apercebendo disso. Passam muito discretamente, talvez porque assim se deveriam comportar, mas, enfim, não avancei na análise sociológica... Se o fizesse, no entanto, acredito que iria de novo ter algumas surpresas, como aconteceu já depois de o filme estar feito. É o caso da Florbela Espanca, que não identifiquei no momento (mas ficam a saber que está lá), e da Judith Teixeira, que descobri recentemente por ali, uma figura não menos importante, poetisa sáfica, que fez parte de um escândalo mais tarde, em 1923, sobre a “imoralidade” da arte, envolvendo também os livros do António Botto e do Raul Leal na sequência da publicação de *Decadência*, a coletânea de poesia dela... Portanto, era uma poetisa escandalosa à época e uma das personalidades femininas que estão no filme, mesmo que eu não a tenha identificado em tempo útil. **Outro aspeto curioso são os gestos demasiado “contemporâneos” de alguns dos homens, dirigidos para a câmara, desde logo aquele que mostra o dedo do meio... E acho que se tive esta percepção, é porque há uma ideia romantizada do passado em relação aos modos e costumes próprios de cada época. Concorde que essa ideia se desmonta um pouco perante estes gestos tão contrários à decência?** É bem verdade! (*risos*) No fundo, nós construímos uma imagem do passado – o passado que não vivemos – pouco correspondente ao que terá sido de facto. Imaginamos uma sociedade ainda vitoriana, muito restrita, e, no entanto, é preciso lembrar que em 1913 estávamos sob o efeito da Revolução republicana [5 de outubro de 1910], num período de quebra de regras e de tabus, de liberdade de expressão e costumes – por exemplo, passou a ser permitido o divórcio, surgiram as sufragistas, as lutas de consciência negra... –, tudo isto ficando um pouco enterrado com os mais de 40 anos de ditadura depois. Mas foi uma época de grande libertação. Se pensarmos nisso, pela via da tal leitura sociológica a que não me dediquei, acabamos por perceber que a gestualidade obscena é uma coisa antiga. Mas é impossível não se ficar surpreendido com aqueles comportamentos, que têm também um lado acriançado, claro, muito por reação à novidade do

Volta ao Mundo

OFERTA
NO VALOR
DE 179€



ASSINE A
VOLTA AO MUNDO
PAPEL+DIGITAL
69,90€/18 MESES
E RECEBA
UM DESTES
TROLLEYS

AMERICAN
TOURISTER
SINCE 1933

ASSINE JÁ!
LIGUE 219249999



Campanha válida para Portugal, até 30 de junho de 2024, limitada ao stock existente e não acumulável com outras em vigor. A oferta consiste num dos Trolleys apresentados e será enviada até 30 dias após o pagamento da assinatura (a entrega em moradas fora de Portugal Continental, está sujeita ao pagamento dos custos de envio). Valor da assinatura não reembolsável. Para mais informações: assinaturas.quiosquegm.pt | apoiocliente@noticiasdirect.pt | 219249999 (Dias úteis das 8h00 às 18h00 - chamada para a rede fixa nacional).



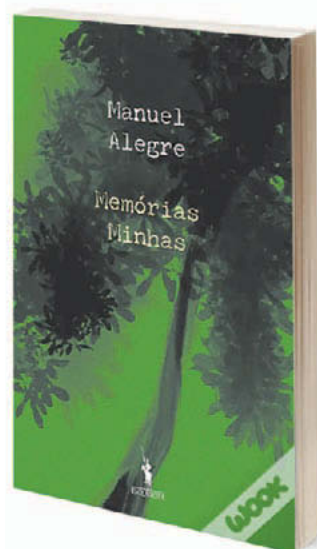
Direto à leitura
António Carlos Cortez

Memória transitiva. Um livro de Manuel Alegre

Num livro absolutamente maravilhoso, *Le Sens de la Mémoire* (Gallimard), Jean-Yves e Marc Tadié referem-se à memória como um mecanismo de sondagem das imagens primordiais que age retro e prospectivamente. A memória actua num movimento de pinça: rodeia, cerca, envolve um sem-número de referências da biografia em torno de um ponto central: a recordação de alguém, a marca de um acontecimento, a idealização futurante do desejo a cumprir.

Manuel Alegre dá-nos, com a publicação de *Memórias Minhas* (Dom Quixote) uma outra oportunidade para nos acercarmos da literatura como trabalho da memória. Este livro pode ler-se como um puzzle, ou como uma espécie de caleidoscópio, já que é prismática, multiplicada e histórica – na diacronia e na sincronia – a paleta de cores, de ambiências, de cenas vivas que o poeta de Atlântico vai organizando num livro constituído por sequências, encimadas todas por títulos que ajudam o leitor a colocar-se no tempo e no espaço da rememoração.

Há, evidentemente, como referem Tadié e Jean-Yves, na construção do sentido da memória, a convocação de estratégias de sobrevivência. O memorialista que é Manuel Alegre obedece à mais clássica das intenções deste género literário: falando de si o que se quer é falar dos outros e dum dado tempo de vida. O balanço existencial protege o sujeito dos textos – todos na primeira pessoa, efabulando um “Manuel Alegre” que será vários ‘eus’ da História: de Camões a Mendes Pinto, dos seus progenitores e antepassados familiares ao povo que, como poucos, Alegre sente ser seu e de que ele é, talvez, o último fiel narrador – da tentação (fácil) do auto-elogio. Não. Há mesmo páginas de grande crueza e lucidez (destaco as referentes ao tempo das candidaturas presidenciais em que a leitura dos factos políticos exige a coragem de afirmar que não era esse o tempo para haver Alegre, Presidente de todos os portugueses). Páginas relativas à experiência da prisão, dos interrogatórios pelos esbirros da PIDE; páginas sobre a experiência medular do exílio, essas não são páginas de auto-retrato heróico. Uma palavra surge a moldar o discurso da memória: irremediável.



“**Manuel Alegre dá-nos, com a publicação de *Memórias Minhas* (Dom Quixote) uma outra oportunidade para nos acercarmos da literatura como trabalho da memória.**”

Irremediável o conhecimento da poesia (o testemunho sobre o conhecimento de Pessoa aos 18 anos deveria ser dado a ler aos mais jovens hoje, carentes que estão de quem lhes diga o significado da palavra de poesia, seu potencial vital, sua exigência e rigor); irremediável a memória no seu ser-sondagem, misturando num caudal poético de imagens, o presente e o passado: uma página onde se conta um sucesso de 1961, e ao lado desse tempo, outra onde se fala dum jardineiro, homem do povo: “O tempo, minha senhora, está a causticar na favorita da Primavera” (frase que ficou na família de Alegre), como quem diz, “Está mau tempo. Há nuvens.” É um delicioso momento este em que o memorialista partilha com os leitores a privacidade do lar, mas a partir da memória das palavras: “Quando estou sentado na sala e vejo o céu carregado, olho para o retrato da minha avó, aceno que sim com a cabeça e acho que ela está a ouvir o jardineiro: “O tempo está a causticar na favorita da Primavera.” (p.25).

Manuel Alegre escreve não no gume da faca (como um Cardoso Pires), mas, se quisermos usar uma imagem poética (estamos perante um poeta e as suas memórias), na curva mais lancinante dos afectos. O discurso de primeira pessoa reforça essa emoção que se vai temperando de análise e de interpretação (“Talvez não acreditem, mas há um código nos retratos. Pode ser positivo ou negativo. O olhar de meu avô Manuel Alegre, cujo retrato a óleo é também da autoria de Fausto Sampaio, seu sobrinho, nunca me apaziguou. [...] Eu olhava para o retrato e tinha medo.” (p.26). Quer dizer: o percurso vital não nega, antes afirma, a humanidade que pertence a uma linhagem de afectos: da família os avós maternos e paternos, os pais, obviamente, mas que dizer das recordações da escola, dos liceus, os mais diversos, que Alegre frequentou como quem se vai frequentando? Os ecos da IIª Guerra Mundial, as sanhas de racionamento, a humilhação da França em 1940, o S de um país salazarento, a inscrição da família, desde os antepassados mais remotos, liberais, adentro de uma ideologia onde socialismo e republicanismo se dão as mãos, o que mais contribui para o retrato de Manuel Alegre é, porém, o subtil. Melhor: o indirecto, o alusivo discurso que peregrina



(exemplo: partida para Lisboa em 1947, ou Alegre, aluno do Passos Manuel). Assim, o memorialista resgata do olvido as paixões e os amores, assim justifica o aparecimento de obras literárias (a novela *A Terceira Rosa*), com a poesia – sempre a poesia – a dar o tempo e o modo das memórias deste livro.

Coimbra tem, nesta arqueologia aos sentidos de uma vida, uma especial importância: discussão política, fado, futebol, teatro, poesia (Alegre e a deliciosa memória de ser ele o Diabo numa peça de Gil Vicente, expulsando o Fidalgo, José Carlos Vasconcelos – encenação dedicada a Paulo Quintela, o Mestre), tudo vem a ser trabalhado segundo uma lógica propositadamente anacrónica: seria fácil estruturar o livro segundo as datas por que tudo foi acontecendo, mas Alegre prefere os saltos históricos, um fio da memória que pertence a um novelo mais extenso e que o escritor desfia: “40.900. Este é um número de referência na história da luta estudantil contra a ditadura. Foi de certo modo a génese do movimento associativo que nas crises de 1962 e



Manuel Alegre, com Sottomayor Cardia, num comício em Coimbra.

ARQUIVO DN

1969 viria a abalar o regime e a criar uma fractura irreversível entre a maioria dos estudantes, uma boa parte da classe média e o governo. Com o decreto-lei 40.900, o então Ministro da Educação, Leite Pinto, pretendia eliminar a tradicional autonomia das associações de estudantes e colocá-los sob a alçada do seu ministério. [...]” (p.66).

Fogo da memória, fogo da pena escrevendo(-se), em Alegre a rememoração ultrapassa a nostalgia: falar de Soares ou de Salgado Zenha, de Zeca Afonso, de Herberto Helder, de Adriano Correia de Oliveira, de Manuel Bandeira, ou de o cinema, da fundação do PS, ou do 25 de Abril, da solidão, do exílio, ou de Ernesto Melo Antunes, tudo vem a ser contributo para um retrato singular: Alegre é Ulisses. Mas é também “Um nó na garganta” – amizades, inimizades, actos de coragem, convivência com o país profundo, as pessoas pobres, Luandino Vieira e Baltasar Lopes, os reenvios para esse grande romance que é Jornada de África, perguntemos: quem pode ficar imune, insensível às páginas onde a denúncia da guerra é já uma forma de afirmar a emer-

“

Poesia é memória e Alegre sabe-o porque, como Sophia, “os dias foram tensos como um arco” e intensamente vividos. Estas memórias provam-no.”

gência da poesia de 1965, o cântico de *A Praça da Canção*? Um dia dirá: “Ninguém parte para a guerra com alegria.” Fala aos soldados que com ele partiam para a morte. Vencer a morte, ir-se da lei da morte libertando por virtude de actos valerosos, eis um dos eixos deste livro político, poético, labiríntico dédalo semiótico. A memória irrompe, irremediável: “Às vezes ainda sinto os helicópteros a girar dentro de mim. Vinham do Norte. Pela cor da bandeira, sabia-se que transportavam mortos ou feridos [...]” (p.120).

Morte e vida, eternidade e lucidez da efemeridade, do muito que podemos dizer sobre este livro de Manuel Alegre, um aspecto há que quero, hoje, deixar bem vincado: Manuel Alegre é, como foi Torga, ou como foi a sua amada Sophia, a voz que podemos escutar como quem ouve o Velho do Restelo, ou ouve a consciência nacional. É importante, pois no momento que atravessamos, de desmemória e reescrita da História, é bom ler Alegre e compreender que nele se cruzam o político culto e o escritor combativo – figura hoje inexistente. O Pré-

mio Camões, na verdade, recebido com orgulho, mas com humildade, inscreve-o, de resto, na linha dos grandes isolados que – mesmo se há quem diga que o facto de ser político desmerece a sua dimensão literária –, por serem homens de cultura na política e homens de política na cultura pagam um altíssimo preço. Conhecedor de Éluard e de Rilke, de Eliot e dos trovadores, bisneto de Gilgamesh, filho de Orfeu, parente próximo dos assírios e da poesia grega, romana, do Renascimento e da Modernidade, digam o que disserem (sim, o jornalismo dos comités da poesia que pretenderam sempre calá-lo e procuram cancelá-lo sem o conseguir), Alegre é um exímio fazedor do verso bem calibrado, Um memorialista que chega a dizer que “não quer consultar qualquer registo” no acto de escrever. Poesia é memória e Alegre sabe-o porque, como Sophia, “os dias foram tensos como um arco” e intensamente vividos. Estas memórias provam-no.

Professor, poeta e crítico literário

O GRANDE COMBATE

John Ford
Max

Refletindo o fim do classicismo em Hollywood, este é um belo exemplo dos filmes “não alinhados” que estão a fazer 60 anos. Foi, de facto, em 1964 que John Ford lançou este retrato da tribo Cheyenne (título original: *Cheyenne Autumn*), dando a ver a manipulação do seu destino pelas autoridades militares dos EUA – um verdadeiro épico com um elenco que inclui Richard Widmark, Carroll Baker e Karl Malden.

JOÃO LOPES

O TERCEIRO TIRO

Alfred Hitchcock
Cinemateca

No original *The Trouble with Harry* (1955), eis um exemplar do afinadíssimo humor negro de Hitchcock. Adaptado do romance de Jack Trevor Story, um dos favoritos do realizador, segue-se aqui um grupo de personagens em torno do problema chamado Harry: um cadáver na floresta. Pintado a cores outonais, foi a notável estreia de Shirley MacLaine no grande ecrã. Curioso que esteja programado no âmbito da Cinemateca Júnior (hoje, 15h)... INÊS N. LOURENÇO

FUGA PARA A VITÓRIA

John Huston
Canal Hollywood

Numa altura em que o futebol comanda o sonho e a vida de muita gente devido ao Euro2024, eis um dos clássicos que remete para o futebol. *Escape to Victory* é um empolgante filme de guerra filmado com uma elegância nada básica. Tudo se passa num campo de prisioneiros na Alemanha, na II Guerra Mundial e onde se organiza um jogo de futebol entre os alemães e os prisioneiros. Nessa equipa há Stallone à baliza... Passa 4.ª feira, 5h00. R.P.T.

O BANDO DE JESSE JAMES

Walter Hill
Prime Video

Datado de 1980, eis um caso emblemático de uma tendência para refazer o western clássico a partir de grandes meios de produção (em algumas salas, estreou-se mesmo em cópia de 70 mm). Com uma nova ambivalência moral, Walter Hill refaz, assim, como uma profecia fatal, a lenda dos irmãos James – para o espectador interessado, convém saber que o filme surge identificado como *Cavalgada de Proscritos*... J.L.

FILMES&SÉRIES AGENDA



Ovnis, monstros e utopias – três curtas queer

de Joana de Sousa, Ricardo Branco, André Godinho nos CINEMAS

São três curtas, como o nome indica, cheias de um desejo de descoberta. Cinema português jovem com orgulho *queer*. Uma iniciativa da Promenade, produtora de Justin Amorim, o cineasta de *Levião*. Depois de *Entre Muros*, mais uma insistência de levar este formato às salas comerciais, neste

caso com a causa *gay* como bandeira, precisamente no mês em que se celebra a cultura *queer*. E são três filmes que mesmo sendo diferentes e com propostas diversas convocam uma ideia de geração. Joana de Sousa assina *Entre a Luz e o Nada*, filme deliciosamente “afetado” e a abordar uma ideia de *rave*,

algures numa Lisboa pouco central. A cineasta que agora trabalha na Cinemateca tem uma energia galvanizante a filmar jovens farristas abertos a uma fluidez destes dias. Por seu turno, Ricardo Branco filma um encontro entre três amigos que são confrontados por uma série de encontros e desencontros sobrenaturais em *Sob Influência*, proposta que acredita com convicção no trabalho dos atores. Mais ambicioso é o trabalho de André Godinho em *A Rapariga Imaterial*, curta que encantou a competição nacional do Curtas Vila do Conde. Um universo singular revestido com uma realização nada conformista... RUI PEDROTENDINHA

EVIL DOES NOT EXIST – O MAL NÃO ESTÁ AQUI

Ryusuke Hamaguchi
Cinema Nimas

Filme nascido de uma colaboração artística com a compositora Eiko Ishibashi, que o encomendou para uma performance musical, *Evil Does Not Exist* é Hamaguchi a abandonar suavemente a sinfonia urbana para mergulhar no mistério da natureza através do semblante de uma comunidade rural. Um olhar com mil camadas de subtilidade – a última exibição em sala acontece no dia 25 (21h15), seguida de conversa com a filósofa Maria Filomena Molder. I.N.L.

ESPERANÇA

Pedro Varela
OPTO

Ótimo exemplo de uma ficção televisiva feita com meios não muito abundantes mas com resultados generosos. Uma comédia triste feita com o génio transformativo de César Mourão, para o mês que vem a estrear-se como realizador em *Podia ter Esperado por Agosto*. Aqui é uma idosa chamada Esperança, uma lisboeta de bairro com um feitio deliciosamente rabino. Realce para a caracterização e para os cuidados estéticos do cineasta Pedro Varela. R.P.T.

BIG BOYS

Jack Rooke
Filmin

A amizade juvenil masculina, sobejamente representada no cinema, tem andado distante da ficção televisiva. Facto que esta série britânica (BAFTA de Melhor Argumento) vem contrariar, relatando os primeiros anos de universidade de dois amigos, entre questões de sexualidade, luto e saúde mental: não é uma fórmula de temas, mas comédia capaz de revestir de ternura o que parece difícil. Um sucesso cuja segunda temporada acaba de se estrear. I.N.L.

BARRY LYNDON

Stanley Kubrick
Cinema Nimas

Como foi a segunda metade do século XVIII britânico? Para quem nunca viu a adaptação do romance de William Makepeace Thackeray, escutemos os ecos da visão de Kubrick. A saber: uma convulsão de muitas formas de poder económico, político e militar, enredada numa teia de enigmáticas paixões. O resultado é um prodígio de cinema capaz de desafiar todas as regras clássicas do “filme histórico” (amanhã, 21h00). J.L.

É dele o primeiro artigo sobre os Rolling Stones

1943-2024 O jornalista Barry May morreu na sua cidade natal de Richmond. Tinha 80 anos.

O jornalista britânico Barry May, autor do primeiro artigo sobre os Rolling Stones quando a recém-formada banda atuava num pequeno clube de Richmond-Upon-Thames, morreu a 1 de junho, aos 80 anos, anunciou ontem a família. Barry May morreu em Richmond, a sua cidade natal, disse à Lusa a mulher, Dolly May.

O jornalista, que viria a ser um dos principais correspondentes internacionais da Reuters, com missões que passaram pela África do Sul do *apartheid* e o Irão de Khomeini, tinha 19 anos e trabalhava no semanário local *Richmond & Twickenham Times*, em abril de 1963, quando lhe foi pedido que escrevesse sobre a “cena musical” no subúrbio a sul de Londres.

Os Stones, também em início de carreira, depois de vaguearem por algumas salas da capital britânica, tinham conseguido pela primeira vez o estatuto de banda residente no recém-aberto Crawdaddy Club, de Richmond, onde atuavam desde fevereiro, interpretando os temas mais populares do *rhythm’n’blues* (*r’n’b*), então em fase de descoberta no Reino Unido.

Ainda não passara um ano desde que Brian Jones pusera na *Jazz News* o anúncio que viria a dar origem aos Stones e tudo mudaria após a publicação do artigo de página inteira de Barry May, em 13 de abril de 1963: os The Beatles foram ouvi-los no dia seguinte, o contrato com a Decca aconteceu algumas semanas mais tarde e o primeiro disco da banda, com uma versão de *Come on*, de Chuck Berry, seria editado a 7 de junho, já como The Rolling Stones, dois meses depois de o jovem estagiário ter ido ao seu concerto.

Nesse artigo, Brian Jones surge como líder dos Rollin’Stones, nome original vindo do *Rollin’Stone Blues*, de Muddy Waters, e os músicos dizem-se “semiprofissionais”: Brian Jones, “arquiteto” do grupo, o pianista Ian Stewart, escriptorário numa farmacêutica, Mick Jagger, aluno da London School of Economics, Keith Richards, do Sidcup Art College, Bill Wyman, baixista dos Cliftons e músico a tempo incerto desde o fim do serviço militar, e o *designer* Charlie Watts, baterista de *jazz* nos tempos livres.

O artigo prende-se ao fenómeno *r’n’b*, que a banda fixara nas traseiras do velho e condenado Station Hotel, de Richmond, levando o Crawdaddy Club a subir de um público de 50 para mais de 300 pessoas por noite em poucas semanas.

A reportagem fala da dificuldade de Mick Jagger se mover em palco, tão cheia estava a sala do clube que tomou o nome do êxito de Bo Diddley, expoente do *r’n’b* nos EUA. Como Barry May previa no final do artigo, o hotel foi demolido, o clube teve de procurar uma nova sede e os Stones continuaram “a rolar”. May manteve-se a fazer a cobertura da “cena musical *pop*” durante algum tempo, mas depressa optou pelo “jornalismo mais ortodoxo”, como confessou, 55 anos mais tarde, ao *News Decoder*, da rede educacional Nouvelles Découvertes. Em Londres, a sua carreira começou no jornal *The Scotsman*, seguindo-se a Associated Press e, depois, a Reuters, para onde entrou em 1968 e onde trabalhou durante mais de 30 anos. O jornalismo de agência nunca mais abandonou a sua vida.


Barry John May nasceu em agosto de 1943 em Richmond-upon-Thames. Foi correspondente no Paquistão, na África do Sul e nos Estados Unidos. Em julho de 1981 foi um dos três jornalistas da Reuters expulsos do Irão pelas forças do *ayatollah* Khomeini. Chefiou ainda a delegação da agência britânica no Golfo e esteve à frente da área de economia, tendo sido fundador e primeiro editor do *Reuters Business Report* na Europa. Quando se reformou, criou o *site*

tollah Khomeini. Chefiou ainda a delegação da agência britânica no Golfo e esteve à frente da área de economia, tendo sido fundador e primeiro editor do *Reuters Business Report* na Europa. Quando se reformou, criou o *site*

The Baron, dedicado a trabalhadores da Reuters, geriu o fundo de pensões da agência, presidiu à Richmond Society, foi eleito para a Royal Society of Arts e recebeu o título de “Liberdade da Cidade de Londres”.



O artigo foi publicado a 13 de abril de 1963.



GRIMALDI LINES

Week 26

| West Africa Southern Express | Grande Argentina GAR0424 | Grande Congo GCG0524 |
|------------------------------|-----------------------------|-------------------------|
| Antwerp | 25/06 | 15/07 |
| LeHavre | 29/06 | 19/07 |
| Leixoes | 02/07 | 22/07 |
| Dakar | 08/07 | 28/07 |
| Conakry | 11/07 | |
| Lome | 15/07 | 03/08 |
| Luanda | 20/07 | 07/08 |
| Pointe Noire | 23/07 | 10/08 |
| Douala | 26/07 | 13/08 |

| Euroaegean Northbound | Grande Italia GIT0624 | Grande Detroit GDE0524 |
|-----------------------|--------------------------|---------------------------|
| Antwerp | - | - |
| Livorno | 28/06 | 16/07 |
| Valencia | 30/06 | - |
| Tanger Med | - | 19/07 |
| Setúbal | 02/07 | 20/07 |
| Vigo | 03/07 | - |
| Portbury | 05/07 | 24/07 |
| Cork | 07/07 | 25/07 |

| Euroaegean Southbound (Euroshuttle) | Gran Bretagna GBE0424 | Grande Anversa GAV0524 |
|-------------------------------------|--------------------------|---------------------------|
| Cork | - | 24/06 |
| Antwerp | 30/05 | 23/06 |
| Portbury | - | 26/06 |
| Vigo | - | - |
| Setúbal | 23/06 | 30/06 |
| Goia Tauro | - | - |
| Valencia | 26/05 | 02/07 |
| Livorno | - | - |
| Civitavecchia | - | - |

Grimaldi Portugal

info@grimaldi.pt | Lisboa: 213 216 300 - Leixões: 229 998 450 - Setúbal: 265 526 018



O DN
DE HÁ CEM
ANOS

AS NOTÍCIAS
DE 22 DE JUNHO
DE 1924
PARA LER HOJE

ARQUIVO DN CRISTINA CAVACO, LUÍS MATIAS E SARA GUERRA



Diário de Notícias

Chegaram os aviadores ao «terminus» da sua viagem. Lisboa e o país estão em festa. Ribombam morteiros, ouvem-se descantes, flutuam bandeiras dando à cidade um aspecto alegre, próprio dos dias solenes.

Nesta hora bendita esquecem-se as tristezas de maus dias, mas não se podem olvidar desgraças que atormentam todos os corações bem formados. Quando a alma nacional encontra num feito épico o conforto que a compensa de reveses, parece que ainda se estimula mais na prática do bem. Neste caso, junta-se o prestígio da tradição que nos pertence por direito de primazia.

Foi um português o primeiro a voar! O padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, no tempo de D. João V, fez a sua primeira ascensão em 5 de agosto de 1709. Devíamos, portanto, encarecer uma herança, acompanhando o progresso do invento e mostrando que somos dignos descendentes de tão ilustres antepassados. Foi o que fizeram Gago Coutinho e Sacadura Cabral, primeiro, e Brito Pais e Sarmento de Beires, depois. A tradição portuguesa não é uma memória inútil no campo da ciência. Mantém-se firme, cultiva-se e aumenta-se. Não dormimos sob os louros duma fidalga herança, antes a desenvolvemos numa progressiva intensidade, praticando actos que a justificam como apanágio da raça.

Obtivemos um novo triunfo e esse triunfo deve despertar em nós o sentimento da caridade.

Sucede, no entanto, que a caridade é, outro-sim, uma tradição genuinamente portuguesa e tão activa e tão produtiva como a da epopeia das conquistas, das descobertas pelo mar... e pelo ar!

Temos a caridade organizada em Portugal, sem prejuízo da do domínio próprio do indivíduo, que nunca esqueceu o que deve aos seus semelhantes! Quantas esmolas se dão nesse país fora, em acção de graças da viagem aérea Lisboa-Macau?...

A glória de Sarmento de Beires e de Brito Pais não prejudica a glória tradi-

cional das misericórdias. E' nesses estabelecimentos modelares que a caridade, e o mutuo auxílio se instalaram para valer a todo o infortunio humano, desde a aurora infantil.

Nas misericórdias, a criança abandonada ou pobre encontra asilo e assistência. Ilumina-lhos um sorriso de mulher, que pela sua afectiva candura é sempre um sorriso de mãe. Espalham a luz uma grinalda de benefícios; é justo que auxiliemos a sua benfeitoria, que é para nós uma activa e proveitosa tradição. Somos um povo de valentes e um povo de bons. Há excepções que constroem a regra, mas essas só as devemos lembrar para esquecer.

Esqueçamos tudo quanto não esteja em harmonia com a solenidade do momento. O povo está em festa e desse regozijo tão justo, tão ordeiro e tão digno, tiremos a convicção de que ainda não desapareceram as mais sãs virtudes da raça portuguesa.

Para elas apelamos a favor das misericórdias, que é como quem diz a favor de quem sofre.

E note-se nesta hora em que a tradição do arrojo e da ciência ergue nos seus escudos o nome de Portugal, note-se que as misericórdias não o enaltecem menos, nem têm direito a menores homenagens da consciência pública! Se os aviadores aqui estivessem, decerto seriam eles os primeiros a secundar esta nobre e desinteressada campanha.

A aviação iniciada na «passarola» do padre Bartolomeu Lourenço faz parte do grandioso património que herdamos de nossos maiores. Portugueses ilustres nos nossos dias, mostram-se digníssimos descendentes dos heróis do Passado. Honram uma tradição e a Patria honra-lhes a sublimidade do feito.

Mas as misericórdias? A caridade, o socorro mutuo, o principio associativo iniciado em plena renascença? Valem menos, por acaso? Nem pensar nisso! Elas, sem a menor duvida, ainda valorizam mais a opulência do nosso morgadio.

Se preciso fôsse justificação para a

nostra afirmativa, bastava a attitude do senado municipal de Lisboa, onde o seu illustre presidente, sr. dr. Costa Santos, se referiu ás dificuldades com que lutam as misericórdias de Portugal. Diz que o Estado não pode atender a todas, impondo-se por isso o auxilio dos particulares. Organizou-se em Lisboa uma cruzada instituindo o dia consagrado ás misericórdias de todo o país. Ele, orador, foi convidado a fazer parte da organização respeitante ás misericórdias de Lisboa, mas não desejava aceitar o cargo sem contar com os seus colegas da vereação.

O sr. dr. Daniel Rodrigues declara que a camara não podia deixar de dar o seu maior apoio a tal instituição, e em seguida enaltece os serviços prestados pelas misericórdias e outros estabelecimentos de beneficência pública.

O sr. dr. Azevedo Neves concorda com as palavras do sr. dr. Daniel Rodrigues, entendendo que a camara devia dar todo o seu apoio moral e material.

O sr. presidente, em vista da attitude da camara, declara aceitar o cargo para que fôra convidado.

Esta resolução da camara honra sobremaneira a iniciativa do «Diário de Notícias» e merece-nos especial relevo. Toca-nos o coração e encoraja-nos na luta encetada em seu favor.

Vamos ao seu auxilio, que se aproxima o dia 15 de agosto—o «Dia das Misericórdias». Ao triunfo da valentia juntem-se o triunfo do coração. Temos evocado, numa digna alíneia, a herança dos grandes homens. Analisemos, tambem, a obra altiloquente duma alma feminina que floresceu e reinou na epoca da nossa grandeza historica.

Havemos de esboçá-la, descrevendo a sua origem. Para que se fixe bem na retina do nosso olhar um monumento de benfazer, que hoje ainda é um baluarte de filantropia, mas que pede esmola, para esmolas distribuir a tanta miséria e a tanto infortunio que por aí se vê!

Pelas misericórdias, ó bons corações de Portugal!

DE JORNALISTAS
DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS" OFERECE
AUGUSTO DE CASTRO

O nosso certame de Regionalidade
ONDE VIVE
a mais linda mulher
de Portugal?

Os encantos da terra portuguesa não residem somente na suavidade do seu clima grandioso das suas paisagens belas palpi-

O "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"
inicia amanhã a sua publicação assinada pelo illustre professor e engenheiro Vicente Ferreira



As celebrações do 5532.º Ano Novo andino

É assim há 5532 anos, a acompanhar cada solstício de inverno no Hemisfério Sul. Na Isla del Sol (Bolívia), localizada no lago Titicaca, o lago navegável mais alto do mundo, a mais de 3800 metros acima do nível do mar, o 5532.º Ano Novo andino – assinalado nas regiões andinas da Bolívia, Peru, Chile e Argentina – foi comemorado com rituais ancestrais e danças nativas, além de petições à Pachamama ou Mãe Terra por uma boa produção agrícola, devido à recente seca que afetou as lavouras e a colheita de alimentos.



EPA/ESTEBAN BIBA

Albuquerque rejeita ter dado garantias de estabilidade

MADEIRA Líder regional reiterou que o PSD está “a fazer a segunda ronda de negociações” para ter programa de governo e Orçamento Regional aprovados.

O presidente do governo da Madeira (PSD), Miguel Albuquerque, esclareceu ontem não ter dado qualquer garantia de estabilidade governativa ao representante da República, considerando que essa conclusão foi tirada por Ireneu Barreto após as audiências com todos os partidos. “Eu não garanti nada. Isso não tem nenhum sentido.”

O responsável social-democrata argumentou que essa foi a “conclusão que o senhor representante tirou” depois de ouvir os vários partidos, sugerindo levar em conta o que os elementos das diferentes forças eleitas afirmaram após os encontros.

Em 28 de maio, depois de ter ouvido todos os partidos com assento parlamentar e decidido indagar Albuquerque, Ireneu Barreto afirmou que “a solução apresentada pelo partido mais votado, o PSD, que tem um acordo de

incidência parlamentar com o CDS, e a não hostilização, em princípio, do Chega, do PAN e da IL, terá todas as condições de ver o seu programa aprovado na Assembleia Legislativa”.

No dia seguinte, e antes da indigitação, também Miguel Albuquerque assegurou que não iria “haver problemas” na aprovação do programa do governo e do Orçamento Regional, perspetivando o apoio dos partidos que se dizem “antissocialistas”.

A questão das garantias que Albuquerque teria dado ao representante da República surgiu depois de PS, Chega e JPP terem anunciado o voto contra o programa do governo, o que significa a rejeição do documento.

Esses anúncios e a falta de um compromisso para garantir a aprovação do programa do governo levaram Albuquerque a retirar a proposta na quarta-feira, que estava há dois dias a ser dis-

cutida e que seria votada sob a forma de moção de confiança.

O chefe do Executivo da Madeira rejeitou ontem a “ideia que estão a dizer” de que foi ele quem “inventou que tinha maioria” e apontou que tudo era uma “questão de negociação” num quadro democrático plural e democrático. “O governo está constituído. Neste momento o que é fundamental é o programa de governo ser aprovado.” O social-democrata reiterou que o PSD está “a fazer esta segunda ronda de negociações” para conseguir ter um programa de governo e um Orçamento Regional aprovados, opinando que “neste momento há uma correspondência que deve ser partilhada entre todos os partidos”.

Nas eleições regionais antecipadas de maio, o PSD elegeu 19 deputados, o PS conseguiu 11, o JPP nove, o Chega quatro e o CDS-PP dois, enquanto IL e PAN elegeram um deputado cada. **DN/LUSA**

BREVES

Pedro Nuno Santos quer explicações da PGR

O líder do PS defendeu ontem que a procuradora-geral da República deve explicações ao país sobre a “violação da lei” na divulgação de escutas envolvendo o antigo primeiro-ministro António Costa, considerando insuficiente abrir um inquérito. “Não podemos fazer de conta que não estamos a ter publicidades na comunicação social conversas que não têm sequer relevância para o processo em causa. Não podemos continuar a fazer de conta que não estamos a assistir a uma violação da lei”, considerou Pedro Nuno Santos, para quem o anúncio da abertura de um inquérito “não é suficiente”. “Eu diria que o MP deve essas explicações e obviamente que a figura máxima é a sua procuradora-geral.” Para o secretário-geral do PS, não se pode pactuar “com aquilo que está a acontecer” caso se queira preservar “a saúde do Estado de direito e da democracia”.

Lisboa aprova empréstimo de 83,5 milhões de euros

A Câmara de Lisboa aprovou um empréstimo de 83,5 milhões de euros para financiar a construção e requalificação de 61 creches e escolas, com previsão de cerca de 28,4 milhões de euros em juros. A proposta, que será agora submetida à Assembleia Municipal, foi aprovada em reunião privada do executivo camarário, com os votos contra de BE, Cidadãos por Lisboa (eleitos pela coligação PS/Livre) e Livre, a abstenção de PS e PCP e os votos a favor da liderança PSD/CDS (que governa sem maioria absoluta). Em causa está o programa municipal de investimentos, “de caráter plurianual e com prazo de execução a quatro anos”, para requalificar escolas do 1.º ciclo e pré-escolar. Os investimentos “ascendem a cerca de 83.514.000 euros no biénio de 2024-2025”.

Parlamento elege Pais Antunes para o CES

O Parlamento elegeu ontem o antigo secretário de Estado social-democrata Luís Pais Antunes para presidente do Conselho Económico e Social (CES), conseguindo à segunda tentativa ultrapassar a fasquia mínima de dois terços de votos favoráveis. Em 212 deputados que votaram, Pais Antunes obteve 150 votos favoráveis, 57 brancos e cinco nulos. Na quarta-feira, na primeira votação, o candidato único indicado pelo PSD para presidente do CES falhou por um voto a eleição para esse cargo.

Luís Pais Antunes obteve então 148 votos a favor, menos um do que o mínimo de 149 – num total de 230 deputados – para atingir a maioria de dois terços requerida para a eleição do presidente do CES.



Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão, 195-219 - 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º - 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascensão **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. - 41,51%, KNJ Global Holdings Limited - 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro - 20,40%, Grandes Notícias, Lda. - 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena - 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) - Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registrado na ERC com o n.º 101326 **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias úteis das 8h às 18h E-mail: apoiocliente@dn.pt



56674

5 605290 023026